

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

MARY ROSE LOPES DE OLIVEIRA SILVA

**Propostas para a Promoção da Leitura em  
Crianças de Zero a Cinco Anos**

Maceió  
2020

MARY ROSE LOPES DE OLIVEIRA SILVA

**Propostas para a Promoção da Leitura em  
Crianças de Zero a Cinco Anos**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como requisito final para  
obtenção do título de bacharel em  
Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aparecido  
Rodrigues do Prado.

Maceió  
2020

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586p Silva, Mary Rose Lopes de Oliveira.  
Propostas para a promoção da leitura em crianças de zero a cinco anos /  
Mary Rose Lopes de Oliveira Silva. – 2020.  
67 f.

Orientador: Marcos Aparecido Rodrigues do Prado.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) –  
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,  
Comunicação e Artes. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 63-67.

1. Livros. 2. Incentivo à leitura. 3. Leitura. 4. Literatura infantil. 5.  
Bibliotecários de escolas. I. Título.

CDU: 028.5

**Folha de Aprovação**

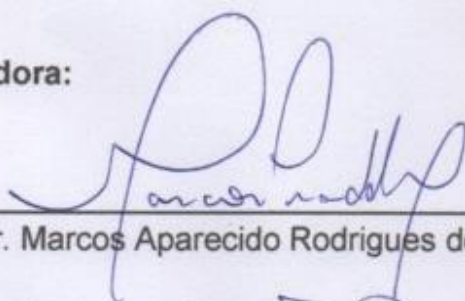
**MARY ROSE LOPES DE OLIVEIRA SILVA**

**Propostas para a Promoção da Leitura em  
Crianças de Zero a Cinco Anos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção de grau de bacharel em Biblioteconomia, orientada pelo Prof. Dr. Marcos Aparecido Rodrigues do Prado.

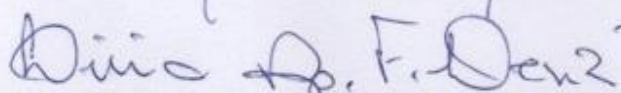
Aprovado em 02 de março de 2020.

**Banca Examinadora:**



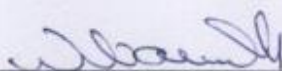
---

Prof. Dr. Marcos Aparecido Rodrigues do Prado (Orientador)



---

Profa. Ma. Lívia Aparecida Ferreira Lenzi (Examinadora Interna)



---

Profa. Dra. Nelma Camelo de Araujo (Examinadora Interna)

Agradeço a Deus, que se mostrou criador, que foi criativo. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus que me deu a vida e me ajudou a chegar até aqui, algo que para mim não seria possível conseguir sozinha.

Aos meus pais, esposo e filhas e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida;

A Universidade Federal de Alagoas (UFAL);

Ao Curso de Biblioteconomia da UFAL;

Aos Técnicos, em especial ao Sr. Pedro Manuel da Silva (Peu), que muitas vezes me viu desanimada e me deu forças para continuar.

A todos os docentes da graduação, que de alguma forma, contribuíram para a minha formação, em especial ao Prof. Dr. Marcos Aparecido Rodrigues do Prado, meu orientador, que com paciência me ensinou, orientou, aconselhou, ouviu, incentivou, corrigiu, acompanhou, apoiou e, sobretudo, me ajudou durante o processo de construção dessa pesquisa.

Aos meus colegas de turma, por terem compartilhado comigo as angústias da escrita acadêmica.

Enfim, a todos que acompanharam, de perto e de longe, minha trajetória acadêmica e pessoal, torcendo e vibrando pelas minhas conquistas, participando direta e indiretamente da minha vida neste período. Meus queridos, sem vocês não seria possível.

**MEU MUITO OBRIGADA!**

*“O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto!”*

(ABRAMOVICH, 1993)

## RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo teórico visando refletir as perspectivas de atuação profissional do bibliotecário em ambientes educativos instituídos para formar crianças em idade de zero a cinco anos. A mediação da leitura serviu de base referencial a fim de se identificar as publicações científicas propícias a oferecer contribuições significativas de parâmetros conceituais e embasamentos fundamentais a respeito deste processo do desenvolvimento humano. De forma geral, consta como objetivo da pesquisa em promover o encontro das crianças com os livros da literatura infantil e, assim, estabelecer interações para ampliar as possibilidades de acréscimos em tais sujeitos por meio destes materiais bibliográficos. A presença do bibliotecário frente ao referido processo de formação educativa foi considerada como fator primordial a fim de se exercer atividades e ações voltadas para a mediação da leitura. Assim, como resultado propositivo, identificou-se a listagem contendo duas categorias subdivididas em uma série de dez temáticas que foram extraídas na literatura consultada para oferecer possibilidades aplicáveis pelo bibliotecário no ambiente escolar de educação infantil. Metodologicamente, procedeu-se o recorte temporal de 2014 a 2018 para determinar o levantamento bibliográfico junto à Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). Nesta fonte de informação foram selecionadas as publicações científicas utilizando em sua busca simples pela delimitação da terminologia “leitura” que foi identificada expressamente junto aos campos de título, palavra-chave e resumo. Assim, como resultados foram recuperados sete artigos que serviram de base fundamental para o levantamento das propostas elencadas e consideradas como recomendações compatíveis às atividades profissionais desenvolvidas pelos bibliotecários. Tais publicações foram analisadas considerando os respectivos tratamentos teóricos em características que foram apresentadas por temáticas de categorias. Portanto, os sete artigos científicos publicados em revistas de Biblioteconomia e Ciência da Informação estruturam as propostas acolhidas como atividades recomendadas para o desenvolvimento da leitura em crianças de zero a cinco anos de idade.

**Palavras-chave:** Livros. Leitura. Literatura Infantil. Educação Infantil. Bibliotecário.



## ABSTRACT

The present study constitutes in a theoretical study in view of considering the perspectives of the librarian in educational environments instituted to educate children from zero to five years old. Scientific publications that could offer significant contributions of conceptual parameters and fundamental foundations on this process served as a reference basis. This research aims to promote the meeting of children with books of children's literature and thus establish a dialogue to expand the possibilities of additions to such subjects through these bibliographic materials. The presence of the librarian in this process was considered as a primordial factor to perform activities and actions related to reading mediation. Thus, we listed a series of ten categories that were extracted from the literature consulted to offer applicable possibilities for the librarian in the preschool environment. Methodologically, we used the time frame from 2014 to 2018 to determine the bibliographic survey with the Information Science Database (BRAPCI). The scientific publications were selected using in their simple search for the delimitation of the terminology "reading" to be expressly identified next to the title, keyword and abstract fields. As a result, from this source of information, were retrieved seven articles that served as the fundamental basis for the survey of the listed proposals and considered as recommendations compatible with the professional activities developed by librarians. Such publications were analyzed considering the respective theoretical treatments in characteristics that were presented by category themes. Therefore, the seven scientific articles published in Librarianship and Information Science magazines structure the proposals received as activities recommended for the development of reading in children from zero to five years old.

**Keywords:** Books. Reading. Children's literature. Child education. Librarian.

## **Lista de Quadros**

Quadro 1 - Relação dos Artigos Levantados na BRAPCI

Quadro 2 - Conjunto de ações sistematizadas em categorias

## **Lista de abreviaturas e siglas**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
TIC	Tecnologias de Comunicação e Informação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1.1</b>	<b>Problema e justificativa</b> .....	13
<b>1.2</b>	<b>Objetivos</b> .....	14
<b>1.3</b>	<b>Metodologia</b> .....	14
1.3.1	Pesquisa bibliográfica.....	15
1.3.2	Seleção dos artigos.....	15
<b>2</b>	<b>CRIANÇA E A LITERATURA INFANTIL: uma breve história</b> .....	18
<b>2.1</b>	<b>O livro, a criança e a leitura: reflexões fundamentais</b> .....	20
<b>3</b>	<b>O BIBLIOTECÁRIO COMO EDUCADOR E A LEITURA NA INFÂNCIA</b> .....	29
<b>3.1</b>	<b>O bibliotecário na mediação da leitura</b> .....	31
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS LEVANTADAS</b> .....	43
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	63

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura se apresenta como elemento essencial para a comunicação, disseminação de ideias, informações e aquisição de conhecimentos, e, portanto, ler deve ser um atributo comportamental praticado frequentemente. Assim, considera-se importante que esta prática do desenvolvimento humano seja incentivada desde a infância. Pois, segundo Sandroni e Machado (1998), é na fase infantil que as habilidades cognitivas assumem uma potencialidade inigualável para ampliar as experiências da formação educacional no ser humano.

Partindo dessa premissa, o trabalho realizado visa buscar subsídios por meio de propostas levantadas na literatura que possam contribuir com a atuação do profissional bibliotecário na mediação da leitura junto ao público infantil de zero a cinco anos de idade. Com isso, busca-se oferecer contribuições de atividades didáticas que promovam o gosto pela leitura infantil a fim de se despertar o interesse das crianças, além de incentivar o contato com os livros sem perder o seu caráter lúdico.

Considerando imprescindível persistir que a criança deve representar o público-alvo para o desenvolvimento do gosto pela leitura, destaca-se a necessidade do uso de estratégias pedagógicas diferenciadas, ampliando as possibilidades para se atrair a atenção e o interesse do pequeno leitor e, assim, provocar neste as interpretações subjetivas desde a infância. Logo, esta iniciativa implica no respeito às particularidades individuais como requisito essencial da mediação da leitura.

Os livros infantis devem propiciar ação e/ou atividade com o compromisso de estimular a prática de leitura, desenvolver aptidões e responsabilidade, tendo a criança como um ser ativo, que constrói conhecimentos sobre o mundo e sobre si mesmo. Assim, os livros de literatura infantil se tornam um meio educativo, ou seja, um recurso indispensável para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e formação da criança como sujeito de uma pedagogia visando a autonomia, condição notoriamente defendida por Paulo Freire (1997).

Dessa forma, os livros de literatura infantil podem proporcionar grande oportunidade de conhecimento empírico para as crianças que vão além de manuseá-los, mas também conhecê-los de uma forma mais concreta pela apropriação de seus conteúdos. E esse conhecimento, valorizado pelas percepções empíricas, se dará de forma conjunta, isto é, tendo o bibliotecário participando

ativamente do processo com a criança. Deste modo, tal profissional assume um papel de mediador da leitura entre as crianças integrantes da comunidade usuária e os livros oferecidos pela coleção bibliográfica da qual compõe o acervo gerido pelo bibliotecário em questão. Portanto, espera-se enriquecimentos recíprocos nas experiências interativas socializadas por estes dois sujeitos. Com isso, o ganho é de ambos e, especialmente, da sociedade que passa a colher frutos de uma relação profícua em que saberes se ampliam por meio de livros oferecidos como fontes estruturantes da educação humana.

Para isso, não há dúvidas, cabe ao bibliotecário conhecer bem o seu público usuário, ou seja, as necessidades informacionais que se manifestam nas crianças que geram demanda por produtos e serviços a uma biblioteca escolar de interesse infantil. Mas tal perspectiva somente se concretiza pela competência informacional do bibliotecário em que habilidades se articulam diretamente com sensibilidade social deste profissional. Deste modo, julga-se necessário que, além da formação profissional, o bibliotecário precisa se atualizar constantemente, inclusive de meios e recursos pedagógicos para implementar a eficiência da sua atuação. Em se tratando da mediação da leitura com crianças deve-se compor o conjunto deste repertório de atividades profissionais ações compatíveis às idades correspondentes do público atendido, inclusive recursos bibliográficos apropriados a tais aspectos. Também, acrescenta-se a capacidade profissional de propiciar momentos didáticos que se tornem agradáveis e contribuam para a ampliação do vocabulário, incentivando a criatividade e a vivência do mundo-do-faz-de-conta. Portanto, se faz necessário refletir permanentemente as formas pedagógicas empregadas pelo bibliotecário que possam, de fato, sensibilizar a criança ao gosto pela leitura e incentivando-a para recorrer ao livro como recurso de lazer, entretenimento e fonte da sua formação educativa.

Frente a tantos desafios aqui apontados se faz necessário delinear os aspectos estruturantes do presente estudo. Com isso, direciona-se para à explicitação de questões pontuais que evidenciem o problema de pesquisa e a sua plausível justificativa. Em seguida, constam os objetivos que determinam a amplitude de alcance desta investigação acadêmica.

## 1.1 Problema e justificativa

A leitura de literatura infantil destina-se ao universo da criança no sentido de desenvolver as suas habilidades fundamentais. Assim, entende-se que esse gênero literário potencializa o aprimoramento de leitores iniciantes utilizando basicamente uma estrutura elaborada por textos curtos, ilustrações e outros recursos didáticos.

Segundo Rego (1995) a literatura infantil surge como um caminho para a alfabetização, pois, na sua maneira de ver, é preciso incentivar nas crianças os processos de construção e descobertas dos conhecimentos. Dessa forma, a literatura infantil influencia em todos os aspectos da educação da criança e pode ter como finalidade educar, instruir e distrair. Cosson (2019) enfatiza tais condições instrumentais da leitura pelo uso recorrente da ficção literária. Assim, o ato de ler encontra paralelos significativos ao seu desenvolvimento por conteúdos que perpassam a aprendizagem pela leitura literária agregando novos conhecimentos e experiências representadas em descrições ficcionais. Com isso, há uma evidente integração entre a empiria da distração propícia ao lazer e entretenimento com a geração de novos repertórios cognitivos, afetando diretamente a cultura e o conhecimento individual por meio da leitura.

Sabe-se que para formar “bons leitores”, sujeitos assíduos a esta prática, é necessário haver comprometimento e parceria tanto da escola quanto da família, além de outras formas diversas disponíveis na sociedade (física ou virtual). Essa função socialmente compartilhada visa à ampliação de experiências da criança com o mundo imaginário e criativo que os livros infantis possibilitam. Assim, é inegável que a vivência infantil com os recursos da literatura apropriada à sua faixa etária oportuniza um processo rico na formação da criança. Pois tais condições são necessárias para favorecer o desenvolvimento de competências e habilidades fundamentais aos processos cognitivos, incluindo o aprimoramento do senso crítico. Mas, além destes fatores mencionados, o lúdico contido na literatura infantil é essencial para proporcionar o florescer das sensibilidades humanas aos leitores iniciantes.

Diante de tais apontamentos que refletem a importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança surge como indagação que substancia o problema desta pesquisa o seguinte questionamento: **Como a literatura científica no domínio de Biblioteconomia e Ciência da Informação apresenta propostas para**

**se desenvolver atividades didáticas visando à promoção do gosto pela leitura infantil?**

## **1.2 Objetivos**

Buscando levantar proposições didáticas que visem implementar a realidade educacional de crianças em idade de zero a cinco anos é que os seguintes objetivos foram estabelecidos. De forma geral, intenciona-se em levantar propostas apresentadas em artigos de revistas de Biblioteconomia e Ciência da Informação que apresentem aspectos didáticos voltados ao desenvolvimento do gosto pela leitura em crianças de zero a cinco anos utilizando as coleções bibliográficas da literatura infantil. Nesse sentido, objetiva-se especificamente em alcançar os seguintes desdobramentos:

- Destacar a importância didática do livro infantil para o desenvolvimento da leitura com crianças em idade pré-escolar;
- Identificar os aspectos fundamentais na relação da Biblioteconomia e Ciência da Informação com atividades didáticas voltadas ao uso de coleções bibliográficas, especificamente da literatura infantil;
- Apresentar propostas levantadas em publicações científicas no domínio de Biblioteconomia e Ciência da Informação para o desenvolvimento do gosto pela leitura em crianças utilizando a literatura infantil.

## **1.3 Metodologia**

Os procedimentos delineados na metodologia adotada consideraram fundamentalmente a aplicação da pesquisa bibliográfica e documental. Neste sentido, elegeu-se a pesquisa bibliográfica considerando os critérios utilizados na escolha bibliográficas utilizadas no embasamento teórico para a seleção dos artigos científicos publicados em periódicos de Biblioteconomia e Ciência da Informação que ofereceram as propostas levantadas. Foi adotado um conjunto de critérios específicos, a fim de oferecer maiores esclarecimentos descritivos empregados nesta pesquisa.



### 1.3.1 Pesquisa bibliográfica

A fim de se oferecer maiores esclarecimentos descritivos empregados nesta pesquisa seguem as suas demonstrações explícitas. A pesquisa bibliográfica foi utilizada em caráter investigativo, a fim de identificar e analisar as principais teorias existentes sobre o tema abordado. Com isso, pôde-se produzir e explicar como se dá a leitura voltada às crianças da educação infantil. Para tanto, um conjunto de repertórios bibliográficos foi utilizado, sendo: livros, artigos científicos, revistas acadêmicas no domínio de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Ressalta-se que alguns *websites* relacionados ao tema também foram consultados como fontes eletrônicas de informação.

### 1.3.2 Seleção dos artigos

Utilizou-se no levantamento e coleta da pesquisa a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) por esta fonte manter exclusivamente um acervo de publicações científicas voltadas às especialidades em que o bibliotecário está inserido. Assim, a BRAPCI forneceu o conjunto de artigos científicos utilizados no processo de análise. Para tanto, empregou-se o seguinte delineamento procedimental na busca efetuada:

- Passo 1: adotou-se a busca simples para o levantamento dos artigos científicos;
- Passo 2: utilizou-se como estratégia de busca o termo “leitura”;
- Passo 3: aplicou-se como critério de seleção na resposta obtida a delimitação por temporalidade das publicações considerando o recorte ao período de 2014 até 2018, ou seja, os últimos cinco anos concluídos anteriormente à data da pesquisa.
- Passo 4: seleção de artigos considerando exclusivamente a análise da pertinência voltada aos seguintes temas: leitura, literatura infantil, biblioteca infantil. Tais elementos foram analisados diretamente nos campos de título, resumo e palavras-chave.

**Quadro 1 - Relação dos Artigos Levantados na BRAPCI**

Nº	Autoria	Título do Artigo	Revista	Ano
01	PEREIRA, A.P.; BORTOLIN, S.	O mediador e a mediação de literatura para crianças surdas	Biblioteca Escolar em Revista	2016
02	SALCEDO, D; STANFORD, J.	O incentivo da leitura na biblioteca escolar	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	2016
03	SILVA, R.J.	Formar leitores na escola	Informação & Informação	2015
04	FERREIRA, M.M.	Bibliotecário mediador de leitura e de práticas culturais em comunidades vulneráveis	Em Questão	2014
05	SILVA, A.J.M.; ALENCAR, A.Q.; BERNARDINO, M.C.R.	Biblioteca Escolar e Mediação da Leitura	Folha de Rosto	2017
06	BORTOLIN, S.; BURGHI, V.J.	A interação entre o bibliotecário e o leitor-ouvinte na contação de histórias	Informação@Profissões	2014
07	FLECK, F.O.; CUNHA, M.F.V.; CALDIN, C.F.	Livro ilustrado: texto, imagem e mediação	Perspectivas em Ciência da Informação	2016

Fonte: A Autora, 2020.

Buscando responder ao problema de pesquisa que estimulou este estudo, foram definidas algumas categorias de análises para refletir sobre as propostas de atividades de leitura com as crianças provenientes da literatura acadêmica das áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

As categorias que agrupam as propostas foram identificadas nas publicações de artigos de trabalhos analisados e foram agrupadas em dois conjuntos básicos: o **pensar** e o **fazer**. Deste modo, a categoria **pensar** dedica-se às reflexões voltadas às ações tácitas nas quais o profissional bibliotecário deve (ou deveria) pautar para o desenvolvimento da sua estratégia de intervenção profissional; e o **fazer** contempla o estabelecimento de ações coordenadas visando o caráter prático de atividades didáticas ou pedagógicas compatíveis à operacionalização funcional do bibliotecário. Deste modo, houve a subdivisão das categorias principais acima descritas em estruturas temáticas vinculadas às respectivas ideias gerais contidas em ambas. Para tanto, procedeu-se a elaboração de um conjunto de dez ações sistematizadas em duas categorias centrais. Que são:

**Pensar** (idealizar)

- Adotar a mediação da leitura como princípio
- Definir espaços formais de aprendizagem
- Esquematizar as estratégias pedagógicas
- Determinar a frequência das ações
- Identificar os múltiplos formatos de recursos

**Fazer** (desenvolver)

- Desenvolver ações de contação de histórias
- Provocar interpretações subjetivas
- Incentivar o desenvolvimento do imaginário
- Aliar a leitura a outros atrativos
- Ampliar experiências de leituras ocasionais

Diante das categorias relacionadas acima, os artigos levantados foram classificados pelo tratamento de temas e questões condizentes aos assuntos envolvidos. Com isso, citações (diretas e indiretas) foram extraídas para representar a ideia teórica identificada nos artigos levantados e utilizados como referencial de análise. Portanto, foi possível haver transversalidade de assuntos pelo mesmo artigo, ou seja, pela mesma autoria da publicação científica levantada na BRAPCI.

Por fim, a análise procedeu com revisões teóricas estabelecendo discussões e reflexões levantadas diretamente na literatura de Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre ações e temas relacionados à leitura. Destaca-se que o foco da leitura consiste ao público infantil. Logo, as argumentações das análises direcionaram-se às propostas de ações voltadas ao desenvolvimento da leitura com crianças de zero a cinco anos, ainda que este não fosse o objetivo central dos artigos investigados.

## 2 CRIANÇA E A LITERATURA INFANTIL: uma breve história

A fim de se compreender as propostas levantadas em publicações científicas nos domínios da Biblioteconomia e Ciência da Informação visando o desenvolvimento do gosto pela leitura em crianças utilizando a literatura infantil, precisa-se refletir o surgimento de uma literatura voltada para a fase da infância. Para tanto, direciona-se nesta seção alguns aspectos fundamentais relacionados à percepção da criança com a literatura infantil.

O surgimento da contação de histórias para as crianças envolvendo a comunicação oral, segundo Dohme (2011), consiste em uma atividade direcionada pelo adulto ainda em tempos remotos da ancestralidade humana. Pois, notadamente, a arte de contar histórias existe desde que o homem começou a falar de forma articulada. “Provavelmente, começou com o homem sentado em sua caverna ao pé do fogo, contando suas bravatas às mulheres e crianças” (DOHME, 2011, p. 7). Certamente, as histórias que os homens dos tempos das cavernas contavam estavam relacionadas ao seu cotidiano empírico pela sobrevivência, envolvendo a caça, a pesca e outras formas existentes àquela época para garantir a alimentação.

Nesse sentido, antes mesmo de existir uma linguagem escrita, como a que conhecemos hoje, já se contavam histórias às crianças e adultos. Segundo Feba e Souza (2011, p.153), “As primeiras civilizações utilizavam a linguagem oral para repassar aos seus descendentes a sabedoria deixada por seus antepassados, para solucionar problemas e manter vivas as tradições e segredos de seus povos”. A arte de contar história surgiu como um meio encontrado pelos povos antigos para passar às novas gerações os seus aprendizados acumulados, além de ser uma forma de manter vivos os relatos de suas histórias e a propagação dos valores culturais.

Com o passar do tempo, outras expressões de registros mais concretas do que a oral foram incorporadas à vida dos povos antigos, surgindo a linguagem escrita. Nesse processo histórico, a literatura infantil, segundo historiadores como Cambi (1999), despontou no século XVII com Fenélon (1661-1715) tendo o objetivo de moralizar as crianças por meio de fábulas, às quais primavam por lições de valores morais. Outro autor de histórias infantis neste período, especificamente em 1697, foi o escritor francês Charles Perrault (1628- 1703), criador dos contos mais famosos da literatura infantil universal, ainda hoje lido e contado em várias

linguagens para além da escrita. Ressalta-se que o contexto da origem de histórias criadas para crianças seguia uma concepção de que essas eram adultas em miniaturas e, por isso, deveriam ser educadas dentro de uma lógica moralista para o aprimoramento comportamental.

Com o passar do tempo e o contínuo progresso da humanidade, aperfeiçoou-se a oralidade caracterizada pela contação de histórias. Assim, de uma prática focada nos relatos como processo comunicacional da socialização humana, inclusive de conhecimentos, esta atividade tornou-se direcionada ao lazer e ao entretenimento.

No Brasil, pode-se dizer que a literatura infantil se divide antes e depois das obras de Monteiro Lobato. Atualmente, além de campanhas publicitárias como a do banco Itaú “Leia um livro para uma criança”, há uma referência do trabalho com a leitura na educação infantil reconhecida como uma das etapas da educação básica pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/1996). Um dos documentos que oficializam o trabalho com a leitura para crianças é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) publicada em 2017 e que serve como orientação obrigatória para a elaboração dos currículos das redes de ensino em todo o país. A proposta crucial da BNCC (2017) para educação infantil é definir campos de experiências com o objetivo de trazer a criança a assumir o protagonismo do seu próprio desenvolvimento. Ou seja, orienta que a criança não deverá ser tratada como um mero receptor de conteúdo, mas preconiza a oportunidade deste sujeito infantil em vivenciar as diversas aprendizagens de forma empírica.

Entre os campos de experiências definidos pela BNCC (2017) está a “Escuta, fala, pensamento e imaginação”. São tratamentos voltados aos sentidos sensoriais da criança. Com isso, determina os meios para garantir o estímulo do ouvir e o falar como atributo diretamente relacionado à leitura e contação de histórias. Deste modo, o ato de escutar histórias, seja por meio de livros ou de representações encenadas, as crianças participam conversando e apreciando narrativas em múltiplas linguagens e são estimuladas a se posicionarem como sujeitos singulares e pertencentes a um grupo social.

Além das prerrogativas instigadas pela BNCC (2017), a literatura infantil assume a função essencial de despertar o gosto pela leitura como atividade relacionada ao prazer, à recreação e ao lazer. Pois vislumbra uma pedagogia que estimula a imaginação e amplia o conhecimento de mundo, além combinar didáticas

envolvendo os repertórios culturais e linguísticos da criança e da sua comunidade. Desta forma, a inserção à cultura escrita, quando a criança prosseguir seus estudos no ensino fundamental, teoricamente, não será uma experiência penosa, pois ela sendo estimulada a ter contato com os livros desde a sua tenra idade poderá encontrar sentido em ler e estímulos para criar e desenvolver as suas próprias histórias.

Diante desse contexto segue-se a discussão sobre a relação entre o livro, a leitura e a ludicidade.

## **2.1 O livro, a criança e a leitura: reflexões fundamentais**

A leitura apresenta-se como elemento essencial para a comunicação, disseminação de ideias, informações e aquisição de conhecimentos, e, portanto ler deve ser um comportamento praticado desde a infância. Xavier (2013) reforça essa importância enfatizando que o ambiente da literatura infantil possui inúmeras contribuições à formação da criança. Pois “Além do caráter lúdico presente nos livros infantis nos é apresentada diversas possibilidades de expressão, como o contar, o ler, o dramatizar e também o brincar (XAVIER, 2013, p. 11). Portanto, há um processo pedagógico na relação da criança com o livro. Trata-se de uma oportunidade de se multiplicar os esforços sociais e políticos visando o desenvolvimento da leitura como recurso da formação educativa na criança. No entanto, leitura não é um ensinamento automático, mecânico e determinista. Exige complexidades e empenhos individuais do leitor e de quem assume essa incumbência, seja de forma amadora ou mesmo profissionalmente pela mediação da leitura. Afinal, conforme Souza (1992, p. 22) defende a “[...] leitura é, basicamente o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias”. E este processo representa a capacidade de interações cognitivas para aferir julgamentos da realidade, além de provocar mudanças estruturais nas dimensões culturais do indivíduo e na sua sociedade coletiva. Afinal, “Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto”. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade” (SOUZA, 1992, p. 22).

Apesar da intimidade aparente assumida pela escola em desenvolver o gosto pela leitura por práticas pedagógicas que visem o seu “ensinamento” efetivo tal

processo nem sempre é bem-sucedido. Pois, visivelmente na sociedade, “[...] nota-se que a escola tem dificuldade em fazer uso da literatura como objeto de leitura” (SOUSA, 2016, p. 36).

No processo de desenvolvimento infantil, a literatura é um dos componentes fundamentais, pois contribui para que o lúdico esteja presente na rotina das crianças, além de proporcionar a resolução de seus conflitos internos, ampliando sua imaginação, sentimentos e emoções de forma prazerosa e significativa. Então, reconhecidamente, a literatura assume uma importância elucidativa na didática da aprendizagem oferecida à criança como repertório pedagógico. Em tal condição, tomando como base as ideias de Martins (1994), é função da leitura estabelecer perspectivas para se compreender a realidade nas diferentes circunstâncias, sejam estas momentâneas ou historicamente arraigadas na sociedade. Outro aspecto que merece ser apontado como fator preponderante das experiências de leitura diz respeito à habilidade de a criança fazer relações e associações intertextuais com os outros livros já lidos anteriormente. Esta possibilidade enfatiza o caráter intertextual da leitura, qualidade que visa “[...] designar a relação entre textos ou mais precisamente o reconhecimento de que um texto é sempre resultado de um diálogo com outros textos” (COSSON, 2019, p. 60).

Portanto, é impensável entender o mundo se não for por meio das diferentes maneiras compatíveis a se fazer leitura. Logo, a leitura do livro representa uma das formas aplicáveis a se desenvolver tal procedimento cognitivo. Se a leitura condiz a uma atividade intelectual de suma importância ao desenvolvimento do indivíduo não há dúvidas que esta operação do processamento mental merece toda prioridade. Sendo assim, uma nação carece ser estruturada por políticas de incentivos voltadas às práticas de leitura e da disseminação de seu suporte mais notórios: o livro. “Entretanto, assegurar o acesso dos estudantes a uma boa quantidade e diversidade de livros, por si só, não assegura o êxito na formação do leitor” (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009, p. 52).

São inúmeros os benefícios gerados pela aproximação da criança com o livro. Neste sentido, se reconhece que é por meio dos livros e da leitura que a criança amplia as suas percepções das “[...] formas de comportamento social que ela pode apreender e usar no processo de crescimento em que se encontra [...]” (SANDRONI, MACHADO *et al.*, 1986, p.10-11). É óbvio que a habilidade de leitura reflete as experiências individuais que o sujeito culturalmente detém como forma de

conhecimento prévio. Tais atributos também se adequam perfeitamente às crianças. Já que o letramento, enquanto capacidade de interpretação textual articula mecanismos para “[...] perceber e decifrar os signos, [experiência que] o leitor tenta entender do que se trata, entrando assim, no processo cognitivo, onde se supõe uma abstração para a significação dos elementos” (XAVIER, 2013, p. 14). Nota-se a complexidade envolvida em todo o processo de concepção da leitura pela dinâmica cognitiva que se altera frequentemente na atividade cerebral. Confirmando tal afirmativa, Jouve (2002, p. 17) enfatiza que “[...] a leitura é uma atividade complexa plural e que se desenvolve em várias direções”.

Com isso, a leitura se firma como manifestação cultural frente aos desafios tecnológicos que exigem outras capacidades de interações sociais. No entanto, mesmo com as mudanças em curso na sociedade, a leitura literária ainda é desempenhada visando fortalecer o elo que transcende historicamente a percepção de humanidade pela empatia emocional. Para Xavier (2013, p. 14) “[...] a identificação e a emoção que demonstramos a uma personagem, ou seja, o processo afetivo, sempre estará com o leitor, sendo, portanto um elemento essencial a leitura em geral”.

Com leitura literária é possível acessar descobertas pela existência de outros modos de vida diferentes. Essas vivências e experiências culturais favorecem o seu aprimoramento intelectual, social e cultural, com isso, permitindo que compreendam melhor as complexidades do mundo e, assim, agir conscientemente sobre ele. Sem dúvida alguma é nesse gênero literário que a criança acentua interesses pelo prazer de se aventurar no universo fantástico da imaginação.

Sandroni e Machado (1998, p. 10) afirmam que "A leitura é um dado cultural: o homem poderia viver sem ela e, durante séculos, foi isso mesmo o que aconteceu. No entanto, depois que os sons foram transformados em sinais gráficos, a Humanidade, sem dúvida, enriqueceu-se culturalmente". Se a leitura é reconhecidamente um atributo cultural isso remete à ideia da aprendizagem como processo educacional, ou seja, então a leitura representa uma condição que se pode alcançar pelo seu ensinamento. Mas, em decorrência das complexidades envolvidas, não se trata de um processo tão simplista quanto parece demonstrar apenas com as “boas intenções”. É preciso a construção estrutural de equipamentos institucional e pessoal competente envolvido na mediação da leitura.



Apesar dos desafios, considera-se fundamental na formação do indivíduo a incorporação do gosto pela leitura logo no começo da vida, pois tal capacidade auxilia não só no aprendizado da criança como também no despertar do indivíduo ao senso crítico. “Como não se trata de um ato instintivo, mas, pelo contrário, de um *hábito* a ser gradativamente adquirido, é preciso que se dê desde o início ao aprendiz da leitura o objeto a ser lido (livro, revista ou jornal), respeitando o seu nível de aprendizado” (SANDRONI; MACHADO, 1998, p.10). Logo, o contato da criança com o livro amplia significativamente a potencialidade individual para o gosto pela leitura e a formação da autonomia crítica na seleção do seu tipo preferencial de gênero literário. Obviamente que há grande expectativa social em torno do papel educador atribuído à escola. Isso se dá inclusive em relação à biblioteca escolar, quando existente no ambiente institucional da escola. Mas Silva, Ferreira e Scorsi (2009, p. 58) ressaltam que “A formação do leitor, seja na biblioteca ou na sala de aula, não pode ocorrer se o aluno for isolado do espaço sociocultural em que a escola se situa ou do espaço externo com o qual interage e é formado cotidianamente”. Desse modo, percebe-se que a leitura deva ser compreendida essencialmente pelo seu caráter humanizador da percepção social do indivíduo. Agregando assim interpretações que vão além do conteúdo textual e ampliando as perspectivas de intertextualidade.

Apesar dos interesses políticos e institucionais em relação à ideia de leitura, incluindo a censura como elemento de restrição ao pleno e livre acesso, esta prática deve transpor à sua função de obrigatoriedade. Assim, a leitura deve ser concebida como liberdade da expressão humana manifesta pelo desejo arbitrado em selecionar e escolher o que se lê. Este princípio de liberdade contempla outras formas que representam a conduta humana para fazer uso do livro por meio da leitura. Desse modo, a liberdade deve prezar pelo: como, quando e onde se faz leitura. Tais aspectos reforçam a relação de prazer contido na liberdade de escolha do material bibliográfico a ser lido. No entanto, para que a leitura se torne uma referência de prazer, deve começar a ser sugerida e estimulada ao indivíduo desde muito cedo, por isso a família é a primeira incentivadora das crianças. Assim, entende-se que “[...] a leitura deve começar a ser sugerida ao indivíduo o mais cedo possível. Por isso, a casa, a família, os pais são os primeiros incentivos à criança” (SANDRONI; MACHADO, 1998, p. 11).

Dessa forma, pais e filhos podem partilhar a descoberta do mundo dos livros, seja folheando-os e mostrando figuras, seja contando histórias, ou mesmo em contato frequente às referências literárias. Tais condições favorecem um ambiente em que a leitura seja articulada socialmente pela convivência doméstica no espaço familiar. Pois o contato da criança com os livros deve estar inserido no cotidiano empírico da vida humana desde bebês, desenvolvendo um saudável interesse pela literatura, na formação pessoal e social do indivíduo.

Assim, os livros passam a fazer parte de um contexto muito especial, onde a fantasia e a ludicidade se apresentam de maneiras diversas e fascinantes às crianças por meio de palavras e de desenhos. Neste aspecto Sandroni e Machado (1998, p. 13) consideram:

[...] um bebê que vê uma pessoa folheando páginas, o livro é cor, figuras, formas, papel e som. Mais tarde, as formas se tornam objetos ou sons familiares e reconhecíveis: “bola”, “carro”, “miau”. Algum tempo depois, a criança já consegue virar as páginas sozinha, reconhece, identifica e nomeia os objetos. Depois, começa a montar uma história a partir das figuras. Mais tarde ainda, passa a participar das histórias, incluindo-se nelas.

Com os livros, o prazer de imaginar coisas aumenta e a partir de histórias simples as crianças começam a reconhecer e a interpretar suas experiências cotidianas e reais. Portanto, a leitura assume a função estimulante que aguça a criatividade. A parceria entre família e escola tem papel fundamental nesse desenvolvimento e gosto pela leitura, sendo formadores de leitores, por meio do acesso e do contato com livros, seja em casa, na escola ou bibliotecas.

Garcia (2007) menciona que boas experiências com o livro podem resultar no gosto pela leitura, ou seja, na formação de um leitor assíduo. Por isso, a autora destaca a importância dos educadores atuarem como mediadores entre criança/texto, proporcionando momentos empolgantes de leitura, e instigando o novo leitor a uma leitura crítica. Sobre isso, Gusmão-Garcia e Silva (2009, p. 10-11) afirmam que:

Se o professor não reduzir a leitura à pura decodificação técnica, mas levar a criança a perceber tudo o que contém um texto – mensagem intelectual, valor estético, significações múltiplas de um mesmo elemento, variações possíveis da interpretação individual etc. – esse profissional estará formando uma criança disponível e aberta ao poético e ao fantástico. Esse professor estará abrindo a dimensão do lúdico, do imaginário, da criação, que, além da lógica e da gramática, fazem parte do esquema interpretativo da criança.

Para tanto, a escola precisa buscar estratégias pedagógicas para permear a leitura no aprendizado das crianças, oferecer espaços com ambientes favoráveis, dinâmicos e com vasto acervo atualizado. Silva (2015, p. 496) menciona que “Na escola, dentro e fora da sala de aula, importa prevalecer o ambiente de leitura de modo que haja sempre acervo disponível em diversos suportes, do papel ao digital”.

É necessário despertar o gosto pela leitura nas crianças e para isso, Yunes e Pondé (1989) enfatizam que, para tanto, seja apresentado ao leitor um material fácil, dinâmico, acessível e trivial, ao entendimento da criança e, com isso, facilitar a compreensão do ato de ler e permitir a relação entre escrita e mundo real. Diante dessa experiência lúdica e cognitiva, a literatura infantil assume possibilidades de se conhecer outras realidades, fazer novas descobertas e, acima de tudo, poder se divertir a partir das histórias de cada livro. Neste contexto, Yunes e Pondé (1989, p.60) reiteram que: “[...] não há como despertar o interesse de ler sem recursos e estratégias para distribuição de livros, sem bibliotecas capazes de comportar os acervos e sem professores e bibliotecários que já tenham descoberto o prazer de ler”.

Notadamente, percebe-se que a literatura infantil é muito mais ampla e importante para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo da criança. Pois suas histórias podem, com enredo próprio, abordar sentimentos típicos da infância, tais como: medo, dor, curiosidade, inveja, etc. Assim, ao ouvir uma história, a criança começa a desenvolver mais claramente as suas percepções e os seus sentimentos em relação ao mundo.

É importante pensar em maneiras interativas de como estimular a criança a se envolver no gosto pela leitura atraindo prazeres socializantes no ambiente dos livros, quer sejam estes recursos literários físicos ou virtuais. Afinal desenvolver brincadeiras, dinâmicas e outras atividades com a leitura é possibilidades para se atrair a atenção e o interesse do pequeno leitor e provocar neste as interpretações subjetivas desde a infância.

Ler é uma prática que exige meios efetivos para despertar essa habilidade e assim, favorecer o desenvolvimento empírico do pequeno leitor iniciante no seu processo de construção de identidade social e cultural. Desta forma, Martins (1994) destaca que “a leitura deve ser disponibilizada para a criança como algo prazeroso, de forma que a criança possa escolher o que deseja ler, sem insistência para determinados tipos de leituras”.

Mais do que ser uma forma de entretenimento, o conteúdo das leituras faz parte da formação de caráter da criança porque, subjetivamente falando, o enredo, as personagens, os cenários, os repertórios linguísticos, e outros aspectos literários, ajudam a criança a compreender o mundo que a cerca, a lidar com as transformações e descobertas, colaborando para a construção de capacidades humanas fundamentais. Segundo Freire (2008, p. 13) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...]”.

É inegável a contribuição da leitura no processo de desenvolvimento da criança. Neste sentido, a literatura especializada tem inúmeros exemplos que ressaltam a importância da leitura e da literatura infantil (PEREIRA e BORTOLIN, 2016; SILVA, 1981; SALCEDO e STANFORD, 2016; SILVA, ALENCAR e BERNARDINO, 2017). Assim, entende-se que tal prática deveria fazer parte do cotidiano da criança, tanto em casa quanto na escola, porém, nem toda família estabelece prioridade na leitura, deixando essa função unicamente na responsabilidade dos professores.

Porém, autores como Cruz e Silva, 2007; Caldas e Tálamo, 2007; Gurgel, Aguiar, Lima e Azeredo, 2007; Perrotti, 2004; Verdini, 2007, são enfáticos em considerar que, independente da criança ter contato com livros em casa, é na escola onde se terá maiores práticas efetivas de leitura. Mas, Xavier (2013, p. 12) esclarece que:

É necessário ao professor ter uma formação literária básica para poder analisar os livros infantis no intuito de selecionar o que pode interessar suas crianças naquele dado momento, decidindo sobre os elementos literários que sejam úteis para ampliar o conhecimento espontâneo que a criança já traz consigo.

Além da intimidade individual do professor com os repertórios de leitura é necessário haver parcerias institucionais viabilizadas pela relação cooperativa a fim de se multiplicar ações conjuntas e dividir custos no acesso aos livros. Ressalta-se também que as instituições de ensino necessitam de espaços nos quais esse envolvimento com a leitura aconteça, que não seja um acontecimento eventual e esporádico. Há na literatura especializada aqui consultada uma predominância de valorização dos espaços destinados à leitura na escola. Dentre os quais se apresentam a biblioteca ou sala de leitura escolar a fim de se potencializar a formação educativa de sujeitos autônomos, considerando experiências pedagógicas que se comprometem a formar leitores. Desse modo, projetam-se expectativas sobre

atividades lúdicas e didáticas visando concretizar a mediação da leitura como processo pedagógico realizado diretamente pela biblioteca escolar.

Sobre isso, Cosson (2014) salienta sobre a prática de círculos de leitura como uma estratégia importante para a "construção literária de sentidos". Tal prática caracteriza-se pela leitura e análise textual com discussões sobre o livro, dando sentido ao mundo através da palavra e essa prática possui uma amplitude além da escola. Para o autor supracitado "[...] ler é um processo, uma aprendizagem sobre a construção do mundo, do outro e de nós mesmos em permanente devenir. Ler é movimento" (COSSON, 2014, p.174).

Dessa forma, percebe-se que o contato da criança com os livros e a leitura deve ser estimulado e devem anteceder na idade escolar, antes mesmo de se aprender a ler, pois esse contato abre um leque de oportunidade para o pequeno leitor segundo afirmam Gusmão-Garcia e Silva (2009, p. 13):

O livro de literatura identifica-se com a criança por ser jogo, brincadeira, e porque, geralmente, prende-se a conteúdos ligados ao seu interesse. O livro fantástico, lúdico e poético ensina a ver, a escutar, a pensar e a viver por si mesmo; e, literalmente, ele des-regula, des-moraliza [sic].

Por isso, tal processo de interação da leitura com a criança precisa ser mediado, seja pelos pais, responsável, cuidador, professor ou bibliotecário. O mediador tem a missão de "criar pontes" de acesso da criança com a leitura e o mundo da imaginação, para que elas se aventurem em novas descobertas a partir do livro, pois como reconhecem Gusmão-Garcia e Silva (2009, p. 14):

A leitura consiste num processo de enriquecimento mútuo, exige espaço e tempo para que os leitores expressem os significados a que chegaram durante a interação com o texto, e o professor deve escutá-los e conduzir, sistematizando, as ideias geradas e buscando, sempre que necessário, outros significados que os leitores não tenham destacado.

Nesse sentido, nota-se o quão relevante é a leitura na formação cognitiva da criança. Logo quanto mais cedo acontecer esse contato entre livro, leitura e o ser humano, maiores serão as chances de relações efetivas. Pois, indubitavelmente, a leitura amplia horizontes nas capacidades humanas e interfere nas formas de aprendizagem. Não há dosagem que limite a intensidade ou a quantidade da leitura. Afinal, "[...] ler não tem contraindicação, porque é o que nos faz humano". (COSSON, 2014, p. 179).

Com tantas qualidades destacadas pela literatura a respeito dos benefícios que a leitura oferece lamenta-se não ser essa prática mais recorrente. Como a criança é a perspectiva de futuro acredita-se, sinceramente, no seu potencial para

assiduidade da leitura como fonte de prazer e informação. Portanto, deseja-se que o adulto do amanhã seja um leitor efetivo com qualidades superiores à sociedade atual para fazer a diferença em seu meio.

### **3 O BIBLIOTECÁRIO COMO EDUCADOR E A LEITURA NA INFÂNCIA**

Para reflexão do relacionamento do bibliotecário com o estímulo à leitura na infância julga-se necessário definir aspectos fundamentais que envolvem a educação e a sala de aula considerando a ênfase na aprendizagem. Oportunamente, disponibiliza-se esse pequeno texto de Lêdo Ivo (2004, p. 437) que contribui a se compreender o contexto conceitual da educação:

#### **PRIMEIRA LIÇÃO**

**Na escola primária  
Ivo viu a uva  
e aprendeu a ler.**

**Ao ficar rapaz  
Ivo viu a Eva  
e aprendeu a amar.**

**E sendo homem feito  
Ivo viu o mundo  
seus comes e bebes.**

**Um dia num muro  
Ivo soletrou  
a lição da plebe.**

**E aprendeu a ver  
Ivo viu a ave?  
Ivo viu o ovo?**

**Na nova cartilha  
Ivo viu a greve  
Ivo viu o povo.**

A poesia autobiográfica do alagoano Lêdo Ivo (1924-2012), expressa suas impressões sobre o processo de escolarização e sobre a forma como ele adquiriu o conhecimento do mundo. Conforme podemos observar no trecho “Ivo viu a uva e aprendeu a ler”, Lêdo Ivo se refere à forma como ele foi alfabetizado na primeira

metade do século XX, momento em que predominava o método de ensino de decorar as letras, as famílias e as frases curtas descontextualizadas. O texto destaca que a escola inseriu o jovem Ivo no mundo das letras, porém, isso, por si só, não foi o bastante para lhe ensinar a ver e compreender o mundo. Então, certo dia a experiência visual se expandiu pela observação do contexto externo. Pois foi pelo muro que o autor aprendeu a lição da realidade social enxergando uma nova estrutura de cartilha para os seus ensinamentos. Assim olhando pelo muro, percebeu manifestações e contestações populares como formas de questionamentos e reivindicações.

A pequena poesia de Lêdo Ivo nos mostra que a escola não é o único local onde ocorre a educação, onde os conhecimentos de mundo podem ser projetados em ensinamentos. Além do mais, as escolas estão sujeitas às interferências governamentais com políticas para institucionalizar ideologias segregadoras e excludentes. Portanto, nesta perspectiva, os ensinamentos escolares passam a serem instrumentos estruturantes dos interesses políticos e, com isso, minimizam as capacidades humanas de lidar e aceitar as diferenças e as explorações de todo o tipo. Desse modo, a escola se firma como recurso instrumental para a permanência de uma lógica elaborada com propósitos de poder e elitismo exercido por determinadas classes sociais.

Lêdo Ivo também nos provocou a pensar em um conceito amplo de educação, onde o processo educativo não se limita exclusivamente à escola. A ideia de educação tem amplitude que transcende as fronteiras formais da escolarização. Segundo Dalbosco (2006), a educação é um processo dialógico-interativo amplo que ocorre, por exemplo, entre pais e filhos, entre grupos de convivência e de trabalho. Nessa visão, a educação é um fenômeno cultural amplo. Carlos Brandão (1981, p. 7), afirma que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.

Diante desta oportuna provocação refletida elabora-se a seguinte questão, Afinal, **o que é educação?** Quando se pensa em educação, de imediato, nos remete à referência da escola formal tradicionalmente composta por espaços delimitados por uma pedagogia de repressão em que as fronteiras são nitidamente percebidas



por muros, e até grades internas. Desse modo, há uma separação evidente entre “dentro” e “fora”, “interior” e “exterior”. Não há relações efetivas da vida escolar com a realidade social do seu entorno, pelo menos não se formaliza em Projetos Políticos Pedagógicos a interação com a comunidade.

No texto *Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica*, Paulo Freire (2003, p.40) afirma que “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]”. Entende-se que, para Freire (2003) a educação é um conjunto de ideias relativas ao conhecimento sendo praticada, uma necessidade humana, na busca de complementarem-se como pessoas.

Assim, entende-se que a ideia de ensinamento e aprendizado formal está fechada, isolada e restrita unicamente aos contextos institucionais e espaciais da escola enclausurada por muros e separações da convivência comunitária. Porém, por sorte, em tais circunstâncias, educação não é sinônimo de escolarização. Reconhecidamente a escolarização refere-se a uma das formas de manifestação educativa, mas não se limita às restrições institucionais desta experiência social. Conforme Brandão (1995) nos provoca a refletir de que o ideal é se pensar em “educações” e não confinar o conceito de formação atribuído exclusividade aos ensinamentos recebidos na escola. Pois,

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (BRANDÃO, 1995, p. 9).

Então, seguindo essa lógica, a biblioteca escolar seria um dos espaços em que se poderia ocorrer processos educativos? Obviamente que sim. Então, poderia ser o bibliotecário um mediador desse processo? A fim de responder essas perguntas direciona-se a próxima subseção especificando o papel do bibliotecário no processo de leitura de crianças, atividade pertinente a contemplar a formação educativa.

### **3.1 O bibliotecário na mediação da leitura**

Estar cercado por livros e ter o convívio com a leitura são experiências importantes para a formação de um leitor. Porém, simplesmente essas condições não representam impactos efetivos quando persiste a ausência da prática da leitura no cotidiano dos sujeitos. Infelizmente, Failla (2016) constata dados da leitura no Brasil que confirmam o pouco interesse nacional por essa prática cognitiva de lazer

e educação. No entanto, a presente pesquisa de conclusão de curso enaltece o papel das bibliotecas escolares para a formação de leitores e incita o desenvolvimento propositivo didático, a fim de se reverter a situação evidenciada por Failla (2016). Neste sentido, concorda-se com Almeida Júnior e Bortolin (2009, p. 206) que “A biblioteca escolar precisa ser percebida como um ambiente de formação de leitores e pesquisadores, e os profissionais que nela atuam devem criar em torno das ações de leitura e pesquisa um clima de liberdade e ludicidade [...]”. Assim, tais características destacadas pelos autores supracitados enfatizam a importância da mediação da leitura no ambiente escolar. Deste modo, adota-se fundamentalmente o conceito de mediação da leitura como:

[...] uma ação de interferência – realizada por um mediador que pode ser definido como uma pessoa que tem a responsabilidade de acompanhar um leitor durante a sua formação ou mesmo depois de formado (na medida em que a formação é contínua) quando em dúvida tem a possibilidade de intervir nas escolhas de leitura de um determinado grupo, visando levar os seus membros a se encontrarem (de preferência amorosamente) com diferentes textos (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2008, p. 77).

Considerando a importância realçada no processo de mediação da leitura entende-se que é nesse momento tão oportuno para atuação do bibliotecário que este profissional se torna uma figura essencial na experiência do leitor. Apesar dos desafios inerentes ao contexto da política educacional brasileira que implica em suprimir os necessários investimentos nas bibliotecas escolares, é neste ambiente o espaço propício para a formação do leitor, enfatizando a participação ativa do bibliotecário.

Dessa forma, idealizamos uma biblioteca escolar que, preocupada com seus usuários, cuide detalhadamente dos seguintes aspectos: acervo atualizado e diversificado (nos temas e suportes); serviços e atividades apropriados (condizentes com a faixa etária e interesse dos alunos); boa localização (de fácil acesso e distantes de máquinas e espaços muito ruidosos); mobiliário confortável (permitindo o repouso dos pés no chão, independência em pegar os materiais de informação desejados e segurança para que não cause acidentes); decoração agradável (sem exageros e esteticamente aprazível); iluminação, ventilação e temperatura adequadas (possibilitando ao leitor conforto visual e físico) e controle de umidade do ar (goteiras e vazamentos de água proliferam os fungos, causando prejuízos à saúde do homem e do acervo) (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2009, p. 207).

Entendendo a leitura como um recurso fundamental da disseminação de informações e um elemento capaz de aprimorar as capacidades humanas, torna-se primordialmente necessário direcionar nas formas e nos meios de formação do leitor. Reconhecendo essa importância Sandroni e Machado (1998) aconselham o estímulo

do hábito da leitura na criança como prática corriqueira que pode ser desencadeado como opção pedagógica, lazer e entretenimento realizado em casa, na escola e na biblioteca. Portanto, é na fase infantil o momento propício a se desenvolver o gosto pela leitura. Mas é na escola que há uma expectativa social e política para a formação do leitor ou mesmo a ampliação de condições educacionais adequadas para consolidar o gosto pela leitura e as experiências por gêneros variados.

Diante das reflexões apresentadas, é possível tomar como posição objetiva que o texto literário é indispensável na formação de novos leitores e na manutenção constante daqueles já formados. Apesar de o foco recair sobre o objeto livro (em formato impresso ou digital) considera-se que a leitura e seus conteúdos apresentados por gêneros literários diversos como fator motivacional para agregar conhecimentos e possibilitar interações sociais. Logo, entende-se que o ambiente ao qual a leitura é estabelecida como processo dinâmico de ensino e aprendizagem configura oportunidades de se potencializar o aprimoramento das múltiplas capacidades humanas.

Desse modo, torna-se imprescindível persistir que a criança deve representar o público-alvo para o desenvolvimento do gosto pela leitura, mas para que isso aconteça realmente é importante mencionar a participação comprometida do bibliotecário. Considera-se que este profissional tenha habilidades e competências técnicas, além de sensibilidade pessoal, para identificar a riqueza da literatura infantil e a sua importância na vida da criança como fator de estímulos à leitura. Assim, estima-se que haverá envolvimento de referenciais afetivos nas ações desenvolvidas pelo bibliotecário ao seu público infantil por meio dos recursos lúdicos e didáticos, qualidades fascinantes tão propícias na literatura infantil. Pois, além de gerar um processo cognitivo, o texto literário infantil estimula a fantasia, contribui na assimilação de problemas e de conceitos sobre realidade.

Neste sentido, Lajolo e Zilberman (1988) ressaltam que uma das principais finalidades da literatura infantil é encantar a criança, permitindo a união do entretenimento e da instrução com o prazer das diversas formas de leituras. Assim, é pelo encantamento que a criança assimila as elementares experiências sensoriais tornando o fascínio pelas imagens um processo que se mistura com curiosidade pelas palavras inscritas. Segundo Cosson (2014), trata-se de uma complexa interatividade que ocorrem associações de estímulos para se desenvolver as capacidades de emoção, admiração, compreensão do ser humano e do mundo.

Com isso, de acordo com Lajolo e Zilberman (1988), há uma empatia na criança sobre as situações que enriquece e amadurece principalmente as suas experiências escolares, cidadãs e pessoais.

Assim, notadamente se realça a importância da necessária motivação, desde cedo, sobre a leitura de textos literários para desenvolver o senso crítico e a sensibilidade na criança, além de ampliar as experiências para a sua capacidade de interpretação dos textos. Dessa forma, o pequeno leitor poderá sempre relacionar tudo o que lê com o mundo que o cerca e compreender gradativamente a diversidade de significados que o texto literário oferece. Com isso, poderá expandir conhecimentos, inclusive o seu repertório linguístico e vocabular.

É comumente sabido que toda criança, desde os primeiros anos de vida, possui uma grande fascinação por sons, figuras coloridas, histórias contadas ou lidas, canções ou cantigas. Logo que lhes são apresentados os primeiros livros, ainda que não saibam ler, os pequenos já se encantam com as ilustrações e querem tocar, pegar, os livros e manuseá-los. Mas, “Infelizmente, priorizamos para as crianças, de forma até perversa, o aprendizado da leitura das palavras como atestado de alfabetização” (OLIVEIRA, 2019, p. 5). No entanto, a leitura, seguindo a concepção de Martins (1994), extrapola a ideia de mera decodificação de símbolos gráficos inscritos sobre um registro documental. Assim, considera-se que a leitura se refere a um processo cognitivo de interpretação e associação de elementos contextuais dispostos na realidade social e cultural.

Voltando à questão da criança, exalta-se que esse notável deslumbramento infantil fica ainda maior quando essa criança se depara com a riqueza de detalhes comumente dispostos nos textos literários com histórias cativantes em que os autores se dedicam para construir narrativas com este interesse e propósito. Riche (2014, p. 4) considera que “A ilustração pode fixar as palavras, em uma interpretação restrita, mas também pode revelar o não-dito, a sombra. Não há nenhum sentido em imagens que ilustram sem interpretar”. Portanto, a ideia ampliada da perspectiva de leitura oferece à ilustração uma relevância significativa nesse processo vasto e cognitivo.

Na literatura infantil fica claro que as crianças gostam das histórias e se encantam com as ilustrações e diante desse contato deve ocorrer o mais cedo possível, para tanto, mediar à realização do encontro representa um comprometimento pedagógico e profissional. Afinal “Caberá ao mediador

compreender a formação de leitores como um processo constante na escola e na vida e que, portanto, deve ser generoso com aquele que inicia essa jornada, apoiando-o, incentivando a escolher suas próprias leituras sem criticá-lo e, ao mesmo tempo, oferecer possibilidade para que encontre novos textos” (SILVA, 2015, p. 502).

Dada à importância providencial que o presente trabalho dedica à mediação da leitura para a formação de leitores, considera-se esclarecedor apresentar que esta atividade consiste em um processo rico às experiências profissionais. Pois, neste sentido:

Entendemos também que a ação de mediação está vinculada a maneira como o mediador utiliza ou desenvolve estratégias e habilidades específicas com os seus leitores alterando sua prática cotidiana. Assim, é por meio da mediação que o mediador pode despertar o interesse pela leitura, levando o leitor ao melhor encontro possível com os textos (PEREIRA; BORTOLIN, 2016, p. 84).

Sendo a mediação da leitura uma forma de intervenção propositiva nas condições estruturais da criança, despertando este sujeito para as múltiplas experiências pessoais com a literatura, o mediador interfere, direta ou indiretamente, “[...] na escolha do leitor [e isso] pode levá-lo aos diversos caminhos da leitura de maneira prazerosa e amorosa” (PEREIRA; BORTOLIN, 2016, p. 89). Deste modo, o mediador assume um protagonismo de grande importância tanto na formação do leitor quanto nos estímulos pedagógicos utilizados nas relações lúdicas e didáticas. “Portanto, a mediação da leitura é uma ação em que o mediador pode seduzir e despertar o interesse pela leitura [...]” (PEREIRA; BORTOLIN, 2016, p. 89).

O bibliotecário exerce a função estratégica de mediador da leitura quando este profissional se encontra disponível em espaços de atuação pedagógica para a formação educativa institucionalizada. Desse modo, é importante ressaltar a relevante presença do bibliotecário em escolas, locais onde este profissional poderá fazer a diferença na educação com as suas habilidades e competências junto às bibliotecas escolares. Isto posto, se entende claramente a responsabilidade social conferida ao bibliotecário que atua em biblioteca escolar. Pois este profissional é responsável por disponibilizar o acesso aos livros e mediar à criança orientada em suas escolhas para a seleção de literatura adequada à sua faixa etária e apropriada ao seu nível de instrução. Em tal aspecto, Pereira e Bortolin (2016, p. 85) enfatizam que “[...] para isso, é fundamental conhecer as reais necessidades de seus leitores para assim buscar as habilidades para atendê-las”. Por isso, o profissional precisa

estar preparado e atualizado para oferecer ao pequeno leitor um horizonte significante do mundo da literatura.

Esse profissional se encaixa como um motivador que une leitor e texto escrito. Conhecer o leitor frequentador é um aspecto essencial da existência de uma unidade de informação. Com base nisso, Grogan (2001, p. 163) afirma que “[...] o fornecedor de serviço precisa conhecer seus clientes. Isso implicará não só descobrir seus gostos e sua atitude intelectual [...], mas também seu modo normal de compreensão”. O autor, dessa forma, salienta não ser uma tarefa fácil tratar da existência dos diversos perfis de usuários.

Portanto, o bibliotecário, além de, possuir a tarefa de promover a leitura, também tem um papel importante na formação de leitores e ainda na mediação da leitura destes. Com isso, vemos a importância educativa do bibliotecário, haja vista seu trabalho e práticas que levam a aproximação do público com a leitura. Segundo Cunha (2003, p. 46), a missão do bibliotecário é: “facilitar aos indivíduos o acesso à informação e possibilitar, desta forma, o desejo de aprender, de discutir, enfim, a formação do conhecimento ou o conhecimento em formação. Desta forma, nossa missão como agentes de transformação social é plenamente realizada”.

O bibliotecário está diretamente ligado à área social, pois sua missão é mediar o usuário na busca da leitura, ou seja, organizar, analisar e difundir a informação. Com o desenvolvimento da tecnologia esse profissional teve se preparar para dominar a linguagem informática e os programas de computador para melhor atender os usuários. Antes, o bibliotecário estava centrado apenas no preparo técnico de livros e normas de organização do acervo, pois sua preocupação era deixar a biblioteca acessível para consulta local e eventuais empréstimos. Hoje, ele entende que o uso do acervo extrapola o espaço físico da biblioteca e que ele deve auxiliar o usuário a usar as tecnologias para a obtenção de informações.

Na biblioteca escolar, o bibliotecário tem participação especial nesse processo de escolha da obra para ampliar o acervo. Neste aspecto, a qualidade do acervo encontra-se condicionada a vários fatores, e um deles é a figura do bibliotecário, que pode fazer toda a diferença, contornada pela criatividade, pelo empenho e pelo senso de responsabilidade social, contida nesse profissional. É preciso que o bibliotecário conheça e entenda sua responsabilidade nessa tarefa que é quase uma missão, devido à realidade do nosso país em que a biblioteca muitas vezes é o único acesso que crianças, adolescentes têm ao livro.

O bibliotecário precisa conhecer seus usuários e acompanhar as preferências literárias de cada leitor, procurar estratégias para satisfazê-las e, assim, formar leitores, dispensando as leituras impostas, é preciso respeitar as opiniões e o gosto. Não se forma leitores com obrigações e cobranças. Sabe-se que esse tipo de atitude, pelo contrário, faz com que o sujeito se afaste ainda mais da leitura.

Com as crianças, principalmente, o profissional bibliotecário deve ser uma pessoa dinâmica e oferecer um ambiente agradável e convidativo para a leitura. Pinheiro (2009) salienta que, cabe ao bibliotecário escolar, por meio de seu trabalho, constituir um ambiente acolhedor para que o aluno se sinta bem. Essa tarefa não é fácil, mas se esse profissional for comunicativo, agradável, paciente, hábil, criativo e gostar do que faz, estará no caminho certo para conquistar o estudante para a biblioteca.

Na escola, o bibliotecário deve trabalhar em conjunto com o professor, apoiando-o em sua aula, através de escolhas de livros e leituras que o auxiliem em suas práticas, proporcionando uma maior aproximação do aluno com a leitura, estimulando a criatividade e a comunicação, constituindo-se assim integrante fundamental do sistema educativo. Portanto, desempenha um papel paralelo ao do professor quando auxilia no desenvolvimento linguístico e intermedeia a leitura de literatura infantil, fomentando o gosto por boas leituras, centrando seu trabalho em aspectos educacionais.

Assim, o bibliotecário escolar acaba acumulando funções, tanto de disseminador da leitura quanto de educador, uma vez que o profissional dá o suporte necessário, englobando aspectos pedagógicos e didáticos da formação educacional. Logo, a mediação da leitura é essencialmente um processo educativo, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente. Sobre isso, Silva (1991, p. 73) considera que “[...] a descoberta de novas funções [...] ainda serve para aproximar os bibliotecários dos professores através de diálogos mais frequentes, geradores de propostas conjuntas”. Desse modo, o bibliotecário deve atuar pela inserção conjunta aos demais profissionais da educação disponíveis no ambiente escolar. Ou seja, a biblioteca escolar não pode, de forma alguma, ser isolada da realidade institucional, inclusive de suas políticas pedagógicas e ações socializadoras que prezem o desenvolvimento educativo. Deste modo, é competência fundamental atribuída ao bibliotecário que atua em uma unidade de informação do espaço educacional constituir-se da consciência de integração como princípio e requisito primordial da

sua profissão. Freire (1997, p. 65) ressalta que “O ideal é que, na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos ‘convivam’ de tal maneira com [...] outros saberes [...] que eles vão virando *sabedoria*”.

Para tanto, se faz necessário o empenho pessoal do próprio bibliotecário escolar, enquanto profissional da educação, além, é claro, do reconhecimento institucional da sua importância para consolidar as políticas pedagógicas oferecidas pela estrutura administrativa da escola. Mas, inevitavelmente, alguns esforços são conferidos ao bibliotecário escolar para garantir que a sua biblioteca seja de fato um espaço atuante e referência pedagógica na vida social e educacional da escola e não um mero repositório de livros. Assim, é preciso que o bibliotecário se utilize das necessárias técnicas profissionais sem deixar que estas prevaleçam como conduta prioritária e prevalecente da sua função e competência sociais. Frente a tal desafio atribui-se essencialmente a formação continuada, tanto relacionada à sua área de formação quanto das tendências envolvidas na educação. Afinal, “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente” (FREIRE, 1997, p. 64).

Não há dúvidas de que ser um bibliotecário escolar é sobrecarregar-se da exigência cotidiana de inúmeros desafios e atribuições nem sempre adequadamente amparada na experiência da formação acadêmica. Faz-se necessário a tomada de consciência do seu papel social e das competências de atribuições que o habilitam a ser profissional em um ambiente dinâmico e carregado de responsabilidades com a educação. Portanto, Caldin (2003, p. 56) enfatiza que:

Muito mais do que um espaço educativo e um centro de recursos documentais, a biblioteca escolar deve ser, acima de tudo, geradora de novos talentos. Isso será possível apenas se o bibliotecário escolar abdicar de sua mera condição de técnico e gestor da informação para assumir a posição mais ampla de educador, compromissando-se com o corpo discente a fomentar a leitura de textos literários infantis com o propósito de estimular o senso crítico e a veia artística da criança-aluno.

Caldin (2003) remete às necessárias provocações sobre o que é ser bibliotecário escolar. A autora supracitada apresenta características que as escolas de Biblioteconomia não conseguem agregar suficientemente na formação do bibliotecário brasileiro. Pois, em tal contexto teórico, constam responsabilidades que somente a experiência profissional poderá garantir êxito na atuação do bibliotecário que se dedica a atuar em ambientes de formação educacional. Apesar de as palavras de Caldin (2003) remeter a uma condição unicamente compatível à utopia



profissional é necessário assumir tais princípios como valores de conduta do bibliotecário escolar. Com isso, o exercício da atividade profissional do bibliotecário escolar deverá ser voltado pela integração efetiva com a sua realidade institucional, interagindo constantemente em ações que envolvam o fazer e o pensar das práticas educacionais.

Obviamente que dentre as atividades às quais o bibliotecário escolar poderá contribuir e desenvolver didáticas a enfatizar visibilidade da sua atuação profissional no cotidiano da escola é pela excelência da mediação da leitura. Tal competência da habilidade profissional assume uma importância educativa não só pelo seu caráter didático e lúdico de articulação pedagógica, mas pelo vínculo estabelecido entre o bibliotecário e a sua comunidade usuária. Dessa forma, a mediação da leitura no ambiente escolar deve “[...] ser mais afetiva para que se possa contribuir com a formação de leitores num país que, na nossa expectativa, ainda precisa criar e intensificar a cultura de uma leitura constante e diversificada” (BORTOLIN; BURGHI, 2014, p. 215).

A partir de uma mediação acolhedora no ambiente escolar o pequeno leitor acaba encontrando um ponto de apoio no bibliotecário, favorecendo esse profissional a assumir a condição de referência como mediador da leitura e do universo literário. Essa relação se estabelece como um vínculo de projeção educativa em que o bibliotecário escolar exerce a capacidade de orientação do leitor em suas escolhas literárias. Também permite que o bibliotecário seja provocador de estímulos incentivando a criança no gosto pela leitura. Além, é claro, de permitir o necessário auxílio ao leitor escolar, especialmente crianças, em aspectos como a imaginação e, com isso, ampliando experiências pessoais e coletivas com aumentos gradativos e significativos do conhecimento. Afinal, tal condição somente é plenamente alcançada pela frequência e assiduidade da leitura como recurso da formação educativa, seja dentro ou fora do ambiente escolar. Portanto, a mediação da leitura se constitui como um dos processos sociais de aproximação do leitor com o texto, fazendo com que o sujeito se desenvolva constantemente e, assim, evidenciando pelo exercício da leitura como uma prática necessária para o seu crescimento em educação e cultura.

No ambiente escolar, o bibliotecário é um dos profissionais preparados para mediar à leitura dos alunos de forma efetiva, permitindo com que os envolvidos adquiram uma melhor compreensão dos textos, substituindo, assim, práticas de

leituras mecanizadas e obrigatórias por atividades prazerosas. Ou seja, o bibliotecário escolar além de desempenhar o seu papel de disseminador da leitura, enquanto mediador, também cumpre os papéis educativos, culturais e sociais aos quais é competência de sua profissão. Desse modo, não há dúvidas sobre a importância social do bibliotecário atuando diretamente no ambiente escolar, embora haja em nosso país a tolerância com tantos espaços educativos sem a presença deste profissional.

A célebre frase de Monteiro Lobato de que “Um país se faz com homens e livros” é atual e ainda perturba a situação do mundo de hoje. Castello Branco (2007, p. 107) oportunamente destaca que em tal trecho de Lobato “O ‘livro’ é referido como ‘coisa’, sem maiores cerimônias. A palavra ‘coisa’ não tem aqui qualquer tom pejorativo, servindo para colocar a mercadoria ‘livro’ o mais próximo possível do público, entre gêneros de primeira necessidade”. Mas, como disseminar o livro sem que haja realmente um trabalho engajado para se desenvolver socialmente o gosto pela leitura? Como tornar o livro um objeto de desejo a ser elencado entre as primeiras necessidades do ser humano? Como tornar acessível o livro diante das disparidades econômicas e sociais do mundo contemporâneo, inclusive em nosso país? São questões como estas que afligem a educação humana e a formação cultural das pessoas. Inevitavelmente, o profissional bibliotecário está (ou deveria estar) inserido neste dilema histórico e contextual. No entanto, não é possível oferecer uma resposta pronta e acabada que satisfaça as diversas situações e perspectivas sociais, inclusive de políticas econômicas e educacionais que beneficiem efetivamente a cultura como valor humano. Sem pretender oferecer uma única alternativa como possibilidade conclusiva de resposta às questões relacionadas acima, o presente trabalho acadêmico enfatiza a importância da criança como sujeito leitor. Se a criança de hoje é o adulto de amanhã parece óbvio que o segredo no futuro da humanidade está diretamente vinculado à formação da criança. “O futuro possível reside com ela, daí a importância fundamental de uma formação que a ponha em contato com a ‘produção cultural da humanidade’, o que inclui os mitos, a Literatura, a História, a Gramática, a Geografia, o folclore, a própria natureza” (CASTELLO BRANCO, 2007, p. 115, destaque da autora).

Infelizmente, a realidade não se apresenta bem assim. É lamentável que os governantes não enxerguem essa ideia de priorizar a criança em suas políticas públicas. Na retórica das promessas de campanhas eleitorais talvez estejam, de

alguma forma, representadas ou, até mesmo, inseridas como discurso. Mas, em se tratando de Brasil, ainda pouco se vê resultados práticos, como mostram os dados analisados por Failla (2016) que retratam a situação da leitura no país. No entanto, é a criança, aqui enfatizada como problema de pesquisa, a quem se destinam os esforços profissionais do bibliotecário a fim de se empreender a mediação da leitura. Espera-se que o constante aperfeiçoamento de técnicas deste processo educativo permita que o bibliotecário faça a diferença em ambientes escolares. Dentre as alternativas compatíveis a se pensar o desenvolvimento das atividades de mediação da leitura com crianças consta a ideia de acesso direto ao livro. Para Xavier (2013, p. 20) “[...] a importância de deixar livros à disposição das crianças, organizando-os em algum móvel formando uma biblioteca, para que estas tenham contato com eles, podendo manuseá-los, virar suas páginas e apreciar suas ilustrações”. É pelo contato direto da criança com o livro que se espera o despertar afetivo do gosto pela leitura e, com isso, resultando em um comportamento cultural neste sujeito. Afinal, é por meio do gosto pela leitura que a criança desperta para a emoção e explora o mundo, dando um novo sentido ao que foi visto, experimentado e vivenciado na leitura. Ao seu modo, a criança é capaz de ler o mundo pelo conteúdo do que lhe é narrado, mediado, compreendendo e explorando a realidade numa perspectiva geradora de sentidos e de forma crítica atribuindo interpretações e respostas às suas indagações.

Para tanto, o bibliotecário escolar deve buscar estratégias para integrar a biblioteca ao planejamento do professor, oferecendo atividades e serviços que contemplem ações de leitura, criar espaços em que haja o contato da criança com o acervo, que prenda a atenção visual da criança. Silva e Bortolin (2018a) salientam que não se fazem necessários grandes recursos financeiros para que uma biblioteca funcione.

Vale salientar, que não é necessária grande monta de recursos financeiros na criação de um espaço agradável, alegre e dinâmico. Caso a escola não disponha de recursos para estruturar um espaço adequado à biblioteca (acervo, mobiliário, iluminação etc.), deve procurar alternativas criativas para que o espaço não seja apenas um amontoado de livros, reforçando a imagem de improviso e descompromisso pedagógico da biblioteca e da escola (SILVA; BORTOLIN, 2018a, p. 41).

Cabe ao profissional da informação no ambiente escolar buscar embasamento pedagógico de acordo com o planejamento a ser desenvolvido pelo

professor, encontrando recursos para incentivar a leitura, contribuir no surgimento de leitores críticos através de práticas que favoreçam essa mediação livro/leitor.

Pinheiro (2017, p. 34) reconhece que “As atividades de incentivo à leitura desenvolvem no leitor o gosto pela leitura e pelo livro, motivando-o a conhecer os diversos tipos de textos e escritas, buscando conhecer os diversos tipos de literatura”. Obviamente que não há nada de automático para o alcance bem-sucedido do gosto pela leitura, mas enfatiza-se que a mediação da leitura é por si um processo ao qual direcionam-se esforços múltiplos. Há uma pedagogia envolvida que se relaciona com fatores lúdicos e didáticos para “seduzir” a criança ao livro e ao prazer pela leitura. Para Xavier (2013, p. 63) “A literatura infantil, também é um recurso importante para a apropriação de outras áreas do conhecimento, bem como dos valores e dos conflitos que emergem com as crianças no cotidiano”. Portanto, impossível pensar a formação da criança e sua relação com o livro sem conceber a interatividade com a literatura infantil neste processo.

Vale destacar outro importante campo de atuação do bibliotecário com o uso do livro e da leitura, podendo ser direcionada às crianças em situação específica de restrição circunstancial. Trata-se da Biblioterapia, ou seja, a terapia por meio de livros. Caldin (2010, p. 65) entende que, em relação às atividades biblioterapêuticas, “Se a leitura for coletiva, isto é, se houver um mediador da leitura, um bibliotecário, por exemplo, tal mediador agirá como um cuidador, ou, em outras palavras, se preocupará com o cuidar do ser”. Tal função de mediação de leitura com propósitos terapêuticos reforça a ideia defendida neste trabalho a respeito da leitura.

Diante de tantos benefícios que a leitura traz para o público em geral e mediar essa relação apresenta-se como fator importante para esse contato tornar-se um hábito na vida do leitor, notamos que o papel desempenhado pelo bibliotecário seja de fundamental importância tanto na apresentação do mundo dos livros para as crianças, como na manutenção dessa prática na vida dos adolescentes e no público em sua totalidade.

#### 4 APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS LEVANTADAS

O presente capítulo se dedica a elencar o agrupamento de dez propostas sistematizadas como categorias de análise para compor uma apreciação em formato de revisão de literatura. Tal recurso metodológico se refere a um procedimento analítico elaborado a partir dos artigos identificados no levantamento bibliográfico na base BRAPCI. Assim, sistematicamente, utilizou-se como princípio a reunião de ações envolvendo duas características essenciais para se desenvolver a interação do profissional bibliotecário com leitura voltada ao público infantil. Deste modo, as categorias foram agrupadas em dois conjuntos básicos: o **pensar** e o **fazer**.

O grupo de temáticas relacionado ao **pensar** corresponde às ações tácitas nas quais o profissional bibliotecário deve pautar a sua estratégia de intervenção por meio dos aspectos essenciais que refletem e estruturam as bases fundamentais das medidas evidenciadas na prática. Logo, o **pensar** representa diretamente a constituição de um exercício da natureza cognitiva; significa uma postura intelectual assumida com a sua devida importância do conhecimento teórico sobre a realidade pragmática. Pois, as técnicas bibliotecárias por si só não atendem às necessidades urgentes de uma sociedade dinâmica e em abrupta transformação. Neste sentido, seguindo concordância com Vieira (1983, p. 82), “[...] o isolamento dentro de uma técnica tão limitada e simples, empobrece a área enquanto campo de conhecimento enfraquece o grupo profissional enquanto classe lutando por identidade, respeito, emprego e salário”. Portanto, o **pensar** consiste em uma ação política dotada de atributos indispensáveis para o exercício profissional caracterizado pela percepção do bibliotecário sobre a realidade histórica e cultural da sua contemporaneidade. Afinal, a “Biblioteca não pode ser vista apenas como um ambiente, mas sim como uma estrutura social de informação que possibilita mudanças” (DUARTE, 2018, p. 79).

Já o **fazer** diz respeito às ações coordenadas para o desenvolvimento prático, sendo essas sistematizadas conforme a realidade institucional específica e devidamente adequada às necessidades e capacidades de cada comunidade usuária. Desta forma, o grupo de temáticas relacionadas com o **fazer** direciona-se a idealizar ações aplicáveis no cotidiano da biblioteca voltada para o público infantil. Tomando como base Silva e Bortolin (2018b, p. 9), considera-se que “Incorporar o livro e, principalmente, a biblioteca na vida da criança é pré-requisito para a

formação integral do cidadão adulto. Portanto, o papel da biblioteca escolar torna-se primordial na construção dessa trajetória do leitor”. Isto posto, não há dúvidas da importância que a leitura assume para o desenvolvimento do ser humano e do papel fundamental que a biblioteca exerce sobre as dimensões culturais na sociedade. Traçar parâmetros que refletem o **fazer** do bibliotecário é essencialmente discutir o **pensar** estabelecendo esta iniciativa como reflexão do saber fazer, ou seja, o nível de consciência da competência profissional do bibliotecário. Pois, “Há muito tempo, o fazer bibliotecário não se resume à tarefa de manter as bibliotecas como “templos sagrados do saber”” (AMARO, 2018, p. 34).

Para melhor apresentar a configuração sistematizada em categorias de análise segue a Tabela 2. Por este instrumento constam separadamente os grupos temáticos de categorias definidas para o **pensar** e o **fazer** das atividades bibliotecárias com interesse de se promover ações de leitura infantil.

**Quadro 2 – Conjunto de ações sistematizadas em categorias**

<b>PENSAR (idealizar)</b>	<b>FAZER (desenvolver)</b>
1) Adotar a mediação da leitura como princípio	1) Desenvolver ações de contação de histórias
2) Definir espaços formais de aprendizagem	2) Provocar interpretações subjetivas
3) Esquematizar as estratégias pedagógicas	3) Incentivar o desenvolvimento do imaginário
4) Determinar a frequência das ações	4) Aliar a leitura a outros atrativos
5) Identificar os múltiplos formatos de recursos	5) Ampliar experiências de leituras ocasionais

Fonte: Autora, 2020.

Fundamentando a construção do Quadro 2, considerou-se necessária uma reflexão teórica que aponta para enfatizar a importância da leitura no contexto infantil. Neste sentido, entende-se que a relação entre leitura e criança exige estímulos lúdicos e sensoriais que efetivam a empiria de construção social. Como diz Paulo Freire, “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (2008, p.8). Deste modo, é essencial a combinação de meios e recursos que prezem o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Assim, se faz necessário implementar atividades didáticas e pedagógicas na rotina das crianças, inclusive durante a sua experiência escolar. Logo, o livro assume protagonismo nesse processo de educação infantil. Segundo Bortolin (2006,

p.77), “A literatura é um dos componentes fundamentais no processo de desenvolvimento infantil, pois proporciona à criança resolver seus conflitos internos, além de estimular sua imaginação, contribuindo para que o lúdico esteja presente em sua vida cotidiana”.

Diante da abundância de recursos multimídias dos equipamentos, das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) os processos educativos assumem desafios efetivos na formação contemporânea. É nesse contexto que o livro se insere como elemento integrador para potencializar o desenvolvimento cognitivo da criança e sua capacidade de integração social.

Frente a essa condição humana que um conjunto de propostas enfatiza o papel educador do bibliotecário com leitura voltada às crianças. Assim, tais atividades representam intervenções pedagógicas compatíveis à aplicação em bibliotecas ou ambientes escolares.

Com os levantamentos nas publicações de artigos científicos de revistas acadêmicas de domínio da Biblioteconomia e Ciência da Informação, seguem as propostas dessas áreas para incrementar a leitura infantil.

### **a) Propostas Categorizadas no Processo de Pensar**

#### **1 – Adotar a mediação da leitura como princípio:**

Estudos realizados por Silva, Bortolin e Burghi apontam a importância do papel do bibliotecário ou professor no processo de mediação do leitor/ouvinte com a obra escolhida. Saber fazer boas indicações é fundamental para formar leitores, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, momento em que o hábito de leitura está em desenvolvimento, assim mediar esse encontro é necessário, pois “[...] é por meio da mediação que o mediador pode despertar o interesse pela leitura, levando o leitor ao melhor encontro possível com os textos” (PEREIRA; BORTOLIN, 2016, p. 84).

Os mesmos autores consideram que: “Na escola a mediação deve ser mais afetiva para que se possa contribuir com a formação de leitores num país que, na nossa expectativa, ainda precisa criar e intensificar a cultura de uma leitura constante e diversificada.” (BORTOLIN; BURGHI, 2014, p. 215).

A despeito disso, Pereira e Bortolin (2016, p. 89) afirmam que “[...] a ação de mediação está vinculada a maneira como o mediador utiliza ou desenvolve estratégias e habilidades específicas com os seus leitores alterando sua prática

cotidiana. Assim, é por meio da mediação que o mediador pode despertar o interesse pela leitura, levando o leitor ao melhor encontro possível com os textos”.

Para mediar é imprescindível que o bibliotecário seja leitor, conheça a obra, prepare-se para ler, tenha o maior conhecimento possível do livro e suas facetas, pois com isso, no momento da mediação o profissional atua com propriedade e conecta-se com o ouvinte.

Pensando nesse aspecto, Fleck, Cunha e Caldin (2016, p. 195) apontam que: “O bibliotecário tem entre suas funções reconhecidas o desenvolvimento de práticas de promoção à leitura. Para isso ele precisa ser um mediador de leitura, um leitor experiente capaz de apresentar a outros potenciais leitores o vasto universo dos livros, dos gêneros, dos autores e dos ilustradores. A mediação de leitura nada mais é do que um convite para adentrar esse universo de uma forma prazerosa e envolvente”.

Para tanto, a boa mediação é aquela que encanta e envolve o ouvinte, tornando-o participante ativo, passível de interpretações variadas e que vão além da hora da leitura, da hora do conto, que propicia conversas, exposições de opiniões, críticas, etc. Com isso, Pereira e Bortolin (2016, p. 89) ressaltam que “[...] a mediação da leitura é uma ação em que o mediador pode seduzir e despertar o interesse pela leitura, pois ao interferir na escolha do leitor pode levá-lo aos diversos caminhos da leitura de maneira prazerosa e amorosa.”

Confirmando o pensamento de Bortolin (2016), Burghi (2014, p. 217) ressalta a importância do mediador e suas técnicas quando afirma que “[...] não há interação sem comunicação e que na situação da criança, que se encontra em fase inicial de leitura e comunicação oral a interação e a mediação tornam-se vitais para ela. Uma das formas mais propulsora da apreensão da palavra é a mediação oral, seja por meio das músicas, dos contos, das conversas, das brincadeiras e jogos.”, reiterando que “[...] o mediador tem a responsabilidade de ser o fio condutor entre o aluno que está ouvindo a história com as etapas da narrativa, início, meio e fim, podendo provocar uma sensação de estar junto, de partilha, em que o público possa colher impressões, reinventar e remodelar as histórias.” (2014, p. 218)

Por isso essa mediação deve acontecer desde cedo, desde bebês para instigar os potenciais da criança desde pequena, visto que esta fase é o maior pico de crescimento cognitivo, estimulando a curiosidade e o interesse pela investigação.



Sobre a importância desses aspectos tanto Bortolin e Burghi (2014) quanto Silva (2006) destacam a importância da mediação nas tenras idades:

“Narrando uma história acompanhada de elementos como: sons, objetos e brincadeiras o bibliotecário possibilita a criança se entreter, interagir, brincar com as palavras, sentindo diferentes sensações.” (BORTOLIN; BURGHI, 2014, p. 219).

“Mediar à leitura na escola é estar alerta para que não reproduzamos as frases feitas, os preconceitos e ações que coíbam o fluir da leitura na escola, de modo que a criança seja respeitada nesse processo e tenha liberdade em seus primeiros passos rumo à leitura e que o professor seja o promotor desse encontro. No entanto, cabe ao professor ter subjacente a intencionalidade de levá-la a experimentar de pouco em pouco os diversos sabores da leitura.” (SILVA, 2006, p. 76 apud SILVA, 2015, p. 496).

## 2 – Definir espaços formais de aprendizagem:

A biblioteca escolar deve ser pensada estruturalmente com a integração de ambientes que podem ser trabalhados com funções específicas. Desse modo, considera-se que determinados espaços visam estimular processos de aprendizagens individuais. A área que se encontra o acervo em uma biblioteca por si só já é uma demarcação espacial visando estimular os processos de aprendizagem. Pitz (2011, p. 405), corroborando com o pensamento de Salcedo (2016, p. 32) sobre o ambiente favorável para a aprendizagem, diz que “[...] a biblioteca escolar deve incentivar e disseminar o gosto pela leitura junto à criança, por meio do acervo organizado e integrado aos interesses da instituição, bem como da estrutura e funcionamento”.

No entanto, uma biblioteca (inclusive a escolar) é muito mais que um acervo de livros. Logo, considera-se necessário potencializar espaços de interesses específicos em que o usuário poderá assimilar conhecimentos, direta ou indiretamente, associando a outros espaços destinados unicamente à socialização, lazer, entretenimento e recreação. Nesta perspectiva, a biblioteca escolar, especialmente voltada ao público infantil, se apresenta como um lugar pedagógico contendo propósitos que não se limitam unicamente à imposição da leitura. Pois se entende a biblioteca escolar como um espaço estratégico em que há íntima relação da aprendizagem formal e informal com os aparatos necessários da recreação e diversão. Assim, julga-se necessário que haja clara percepção institucional e do

bibliotecário designado a atuar profissionalmente neste local a efetiva demarcação do espaço de aprendizagem, diferenciando este daqueles sem o mesmo propósito.

Concordando com Silva (2015, p. 493), primeiramente, considera-se necessário “[...] que haja, no mínimo, livros e uma biblioteca na escola. Além disso, que a biblioteca e os livros estejam acessíveis ao aluno para que possa utilizar/manusear o acervo, conhecer o espaço, apropriar-se dele, sentir-se à vontade para explorá-lo da forma que lhe convier”. Desse modo, é impossível pensar uma biblioteca escolar sem a presença fundamental de seu aparato informacional, o seu acervo bibliográfico com repertórios impressos, digitais e em outros formatos. Afinal, “A biblioteca, na qualidade de lugar de mediação de leitura, pode modificar-se num ambiente capaz de motivar as crianças à leitura, oferecendo a elas o encontro com o livro e outros recursos informacionais” (SALCEDO; STANFORD, p. 2016, p. 38).

Entretanto, julga-se importante enfatizar que biblioteca não pode ser automaticamente remetida a um sinônimo de livro ou um lugar unicamente destinado ao “depósito” de livros, mas sim um lugar dinâmico, vivo e presente no cotidiano da realidade social. Portanto, a biblioteca escolar necessita conhecer intimamente o perfil de seus usuários e identificar as suas necessidades informacionais e culturais, incluindo a sua forma apropriada para lazer e recreação. Com isso, o ócio criativo passa a ser também uma das facetas de atenção da biblioteca escolar e não um lugar ou espaço de imposição e obrigação. Apesar dessa flexibilidade funcional o seu papel pedagógico não deve ser minimizado e aí que a ideia de estabelecimento dos espaços de aprendizagem figura atreladas aos recursos didáticos compatíveis ao público e à instituição.

Entende-se que nos espaços de aprendizagem seja proporcionado um contato mais próximo do leitor com os livros e com a leitura podendo tornar o gosto por ler em um ato prazeroso, mágico e libertador. Para isso, é recomendada a liberdade voluntária no manuseio do livro, revistas e outras publicações. Desse modo, a escolha individual figura como manifestação da subjetividade do usuário em que seja permitida a livre movimentação nos espaços onde se encontram os acervos. Espera-se que atitudes assim priorizem o contato físico para desencadear inúmeras possibilidades de leitura. Dessa forma, a biblioteca escolar se apresenta como “[...] um ambiente em que os alunos localizam material para acrescentar na sua aprendizagem e ampliar sua criatividade, imaginação e senso crítico”

(SALCEDO, 2016, p. 32). Assim, a biblioteca escolar deve vislumbrar em seu usuário a condição de sujeito leitor para que este se sinta livre em suas escolhas, o que demonstra um compromisso institucional visando à satisfação com o ato de ler.

Sobre isso, Salcedo e Stanford (2016, p. 35) enfatizam que “[...] o ideal seria que a biblioteca escolar tivesse um acervo atual, diversificado, conforme as idades dos leitores, espaço físico adequado e livros em bom estado”. Tais condições são imprescindíveis para atrair o interesse dos usuários a ocupar os espaços da biblioteca escolar. Dito isso, espera-se que essas características estimulem o uso dos serviços e produtos oferecidos pela biblioteca escolar gerando demandas frequentes para acréscimos oportunos das suas atividades disponíveis. Apesar das possibilidades de acréscimos é a leitura o foco pedagógico da biblioteca escolar e a isto não deve desviar-se. Pois a prática livre e espontânea de leitura parece ser uma forma de romper com a leitura mecanizada e puramente didática, muito ofertada nas escolas, podendo romper essas barreiras e criar uma visão no pequeno leitor de que a leitura é algo rico de interpretações e imaginação.

Não há dúvidas sobre a importância do papel social e educador da biblioteca escolar, algo que excede as condições impostas na sala de aula ou em outros lugares da escola. É a biblioteca escolar o ambiente mais profícuo e propício para se desenvolver formas alternativas de aprendizagem e socialização da comunidade escolar, especialmente do leitor infantil. Afinal, as potencialidades múltiplas da biblioteca escolar favorecem “[...] ações dinâmicas, que confirmem o intercâmbio entre educação e informação” (SALCEDO; STANFORD, 2016, p. 38).

Havendo o comprometimento da biblioteca escolar com a formação de uma comunidade leitora, sendo esse espaço um lugar propício a difundir e contagiar a literatura como conteúdos do interesse cotidiano está assegurado a sua função social para além da realidade escolar. Segundo Pitz (2011, p. 405), “A biblioteca escolar em cumprimento da sua função educativa motiva a busca pelo conhecimento, desenvolve no aluno o gosto e o hábito pela leitura e de busca da informação”. Portanto, é a leitura que constitui a qualidade integradora da biblioteca escolar enquanto equipamento educacional ao qual se faz necessário para o desenvolvimento das capacidades humanas. Logo, entende-se que a leitura representa um atributo humanizador da sociedade por imprimir aspectos da sensibilidade cognitiva e da percepção social. Então, despertar o interesse da

criança pela leitura é uma ação de grande e indiscutível importância na formação humana.

### 3 - Esquematizar as estratégias pedagógicas:

A escolarização do texto acaba ignorando o papel dinâmico que tem a leitura, o que inviabiliza a formação de leitores espontâneos, pois a leitura escolar visa à reprodução de saberes científico.

Na educação infantil, os pequenos leitores têm um maior contato com a leitura "despretensiosa" através de estratégias pedagógicas que visam inserir a criança nesse novo mundo, que é o da leitura, isenta de didatismo.

Porém, elegendo estratégias que favoreçam a forma espontânea de leitura, o educador pode fazer uso didático de livros frequentemente nas atividades educativas e com isso "[...] eleger as estratégias pedagógicas que serão utilizadas para promover a leitura, pois nos Anos Iniciais será necessário que o aluno tenha contato sistemático com a leitura, tanto de modo orientado pelo professor quanto de forma espontânea, além do uso da biblioteca, da realização da Hora do Conto e do papel exercido pelo mediador nesse contexto" (SILVA, 2015, p. 499).

Faz-se necessário deixar surgir às múltiplas visões que cada leitura pode decorrer, enfatizando diversas compreensões e interpretações por parte do leitor. Assim a leitura não se confunde apenas como uma missão pedagógica e passa a ser visualizada como formadora de sujeitos críticos.

Estratégias pedagógicas que auxiliam no desenvolvimento de práticas prazerosas de leituras são fundamentais para despertar no aluno o prazer pela leitura. Ideias como: oficinas literárias, leituras com debates, rodas de leitura e conversa, o próprio empréstimo de livros, entre outras, podem favorecer esse contato espontâneo e prazeroso com o livro.

### 4 - Determinar a frequência das ações:

Se a leitura for trabalhada em sala de uma forma diferente, transformando-a em momento de prazer e de agradáveis descobertas, ela passa a ser um momento de curiosidade e motivação e também uma prática transformadora, para tanto se faz necessário "[...] estabelecer horários semanalmente, durante as aulas, para que cada turma possa ouvir histórias, conversar sobre elas" (SILVA, 2015, p. 500).

Resgatar narrativas populares, a contação de contos clássicos, a inserção de histórias da moda, por exemplo, podem estimular o hábito da leitura nos pequenos leitores.

E, cabe à escola elaborar planos de aula nos quais a leitura tenha um lugar importante no processo de aprendizagem, uma vez que o ler, e ouvir histórias, prepara a criança através do imaginário mundo do livro para vivenciar suas próprias dificuldades, medos, anseios e assim encontrar meios de resolver cada impasse.

Depois de ouvir uma história a criança pode querer ter um contato mais aprofundado com o livro, tocando-o, folheando-o e é nesse momento que o educador deve aproveitar para promover esse incentivo.

Esse aprofundamento pode fazer nascer um vínculo do pequeno leitor com a narrativa, nascendo no ouvinte, um desejo de ler e assim despertar o lado leitor do educando.

O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e vem dos nossos ancestrais, que fazem dessa prática momentos de socialização do grupo, e o professor pode usar desses recursos, e transformar a contação de histórias num instrumento riquíssimo de formação de leitores.

##### 5 - Identificar os múltiplos formatos de recursos:

A proposta levantada direciona a aplicação das experiências individuais e coletivas utilizando variados formatos de recursos informacionais. Desse modo, essa proposta de atividade consiste em “[...] buscar diferentes suportes e recursos informacionais a fim de estimular os não leitores ao acesso ao conhecimento” (FERREIRA, 2014, p. 135).

Com o desenvolvimento desse tipo de atividade didática há interesses pedagógicos de se expandir as possibilidades de interações empíricas da criança com os recursos de leitura.

Mesmo com todas as mudanças provocadas pelas tecnologias, “[...] o livro é considerado um dos suportes privilegiados, uma vez que nele se materializa o conhecimento” (ORTEGA Y GASSET, 2006 *apud* FERREIRA, 2014, p. 134), uma vez que a associação do livro com a própria realidade da pessoa – através do enredo, ilustração, personagens – faz a criança querer decifrar esse "mistério", esse "encanto", tornando esse hábito uma prática prazerosa e agradável de aprendizagem e enriquecimento sociocultural.

Dentre as recomendações apontadas na literatura levantada, Ferreira (2014) destaca a importância de se manter cautela em relação à subjetividade da comunidade e as específicas necessidades de cada grupo social. Nesse sentido, Bortolin e Burghi (2014) enfatiza o uso de narrativas literárias oferecidas por oralidades, nas quais busquem dialogar com a vida do leitor.

Dessa forma, como afirma Ferreira (2014, p. 135), “Os bibliotecários devem adequar a transmissão das informações à realidade da sociedade, tendo o cuidado de conhecer as comunidades para disseminar a informação de acordo com os interesses e necessidades de cada grupo social”.

É necessário proporcionar a cada indivíduo condições de acesso aos recursos informacionais e fazer da informação e do conhecimento um bem coletivo, visto que através da leitura o ser humano conhece o mundo e sua realidade, modificando-a se preciso.

Porém, não devemos esquecer que a sociedade atual, diante de meios diversificados de disseminação de informação, passa por um grande processo evolutivo. Nesse sentido, “[...] devemos aliar o ato de contar histórias aos novos modos de leitura, isto é, àqueles que propagam as narrativas literárias utilizando a oralidade midiaticizada. Em um mundo permeado por TVs, celulares e *tablets*, o aluno não consegue ficar apegado apenas ao livro físico, palpável” (BORTOLIN; BURGHI, 2014, p. 214-215).

Outro fator importante é a escola oferecer uma biblioteca com ambiente favorável, dinâmico e com vasto acervo atualizado. Silva (2015, p. 496) menciona que “Na escola, dentro e fora da sala de aula, importa prevalecer o ambiente de leitura de modo que haja sempre acervo disponível em diversos suportes, do papel ao digital”.

Mas não podemos lembrar-nos da leitura apenas literária, devemos também incentivar o novo leitor a uma leitura crítica e incentivá-los a buscar leituras informativas que promovam a formação de leitores. Por isso, Silva (2015, p. 497) ressalta que “O fomento da leitura não literária, especialmente revistas e jornais atualizados, quer sejam eles impressos ou digitais, trazem a criança e o adolescente para a discussão de temas contemporâneos, que estão na mídia e que permeiam o cotidiano social. Dessa forma, a leitura torna-se próxima, rotineira e incorporada à vida do aluno”. (SILVA, 2015, p. 497).

Consequentemente, devido a grande velocidade de disseminação da informação – o que torna a busca do conhecimento um ato de constância – faz-se necessário obter subsídios para selecionar as informações apropriadas para cada leitor e suas necessidades.

## **b) Propostas Categorizadas no Processo de Fazer**

### 1 - Desenvolver ações de contação de histórias:

A contação de histórias por ser uma das práticas da humanidade mais remotas que se tem registro acaba sendo um dos primeiros contatos da criança com a leitura, uma vez que é geralmente vivenciada no seio familiar e em vários momentos do cotidiano e se caracteriza como extremamente importante para o início do processo de aprendizagem, além de desenvolver o pensamento e a criticidade da criança.

É partindo desse pressuposto que Silva, Alencar e Bernardino (2017, p. 37) afirmam que “A contação de história apresenta-se como um dos primeiros passos para o incentivo à leitura. Atividade que pode ser realizada em casa, na rua, na praça, na escola etc. No contexto escolar pode acontecer em diversos ambientes, entre eles a biblioteca”.

Dessa forma, “Os objetivos da contação de história ultrapassam a diversão, idealizando a criticidade de quem ouve o repasse de alguma lição, valor etc. Tem como interesse maior abrir portas, mostrar caminhos para novos livros, novas histórias. Ela por si só traz o encantamento, o lúdico, que fascina, desperta curiosidade e compreensão do mundo.” (SILVA; ALENCAR; BERNARDINO, 2017, p. 40).

E, como afirmam Bortolin e Burghi (2014, p. 214) “[...] o ato de contar histórias age também como elemento que facilita o processo contínuo da aprendizagem”. Portanto, é através da contação que se pode “[...] elaborar estratégias e oportunidades para que o indivíduo vá ao encontro da leitura, não só da leitura das palavras, mas a de imagem, música, símbolos etc.” (SILVA; ALENCAR; BERNARDINO, 2017, p.38).

Salcedo e Stanford (2016, p. 39) compartilham do mesmo pensamento quando afirmam que “O hábito de ler e de ouvir histórias na educação infantil transforma-se em uma ação de aprendizagem, amplia valores, leva o leitor a alcançar o senso crítico em sua formação e faz com que as crianças tenham

interação entre si, incentivando a capacidade e a inteligência. Se analisarmos com atenção, podemos notar que a prática de narrar e escutar histórias vai desenvolver crianças que gostem de praticar a leitura e que notem também a leitura como algo de lazer”.

Dessa forma, a criança inicia-se no mundo da leitura e desperta seu lado imaginativo, assim é “[...] a hora do conto, que determina um novo modo de estimular a imaginação das crianças. A hora do conto é uma das atividades realizadas com o objetivo de despertar nas crianças o interesse pelo mundo da leitura. Interpretar e contar histórias é uma maneira de incentivar aspectos que dizem respeito ao seu potencial de criatividade” (SALCEDO; STANFORD, 2016, p. 38-39).

Assim, de acordo com os estudos desenvolvidos por Bortolin e Burghi (2014, p. 221), devemos utilizar a contação de histórias como um aliado na formação do leitor, seja em escolas, bibliotecas, ou em diversos espaços onde a leitura se faça presente. “O ato de contar histórias é uma atividade que pode ser desenvolvida pelo bibliotecário e também pelos profissionais e comunidade escolar: professores, pedagogos, pais e demais familiares. É uma atividade imprescindível para a escola, em especial, na biblioteca escolar, pois é nela que deverão ser formados os leitores.”

Por isso que Bortolin e Burghi (2014, p. 219) afirmam que “O contador de histórias tem como função principal levar as crianças a despertarem sua imaginação; proporcionar alternativas para novas escolhas de leitura, e até mesmo contar ou (re)contar histórias a partir de contos populares ou literários que foram lidos, assim, exercitando suas capacidades de improvisação e percepção”. Em tal perspectiva, os autores supracitados complementam a linha de raciocínio enfatizando que “Uma história contada com emoção, marca a criança pelo resto da vida. Assim, o ato de contar histórias é fundamental, uma vez que, as histórias fazem parte da natureza humana” (BORTOLIN; BURGHI, 2014, p. 214).

## 2- Provocar interpretações subjetivas:

Visando ampliar as capacidades individuais e cognitivas da criança para associar contextos de leituras é que Bortolin (2014, p. 220) recomenda “aliar uma atividade interativa que proporcione ao ouvinte a possibilidade de se expressar”.

Partindo do pressuposto de que a leitura seja algo individual e que envolve fatores culturais e sociais, Silva (1981, p. 42) afirma que a: “[...] leitura é uma



atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial à própria vida do Ser Humano”. Portanto, remete a relação da pessoa com os grupos culturais nos quais se apresenta inserido, havendo, dessa forma, um encontro de subjetividades.

Para tanto, instigar essa autocrítica, essa avaliação por parte do leitor, deve ser, num primeiro momento inserido ao cotidiano de leitura, pois isso possibilita ao ouvinte a pensamentos críticos e reflexões sobre si, sobre o meio e sobre fatores socioculturais. Por isso, é necessário “[...] aliar a leitura de um texto retirado de um livro com os elementos cênicos e com as atividades interativas, que possibilitam maior fixação e entendimento” (BORTOLIN, 2014. p. 220).

É importante pensar em maneiras de como incentivar a criança a criar hábitos de leitura e atraí-los para o mundo dos livros, quer sejam físicos ou virtuais. Desenvolver brincadeiras, dinâmicas e outras atividades com a leitura, são possibilidades para atrair a atenção do pequeno leitor e provocar interpretações subjetivas na infância.

Ler é uma prática, e buscar meios para despertar esse hábito é especialmente importante nesta fase do desenvolvimento, pois permite que o pequeno leitor inicie seu processo de construção de identidade social e cultural.

Mais do que ser uma forma de entretenimento, o conteúdo das leituras faz parte da formação de caráter da criança porque, subjetivamente falando, o enredo, os personagens, os cenários e outros, ajudam a criança a compreender o mundo que a cerca, a lidar com as transformações e descobertas, colaborando para a construção da cidadania e da ética.

### 3- Incentivar o desenvolvimento do imaginário:

Uma das formas de instigar a imaginação da criança é “[...] escolher livros que possam provocar a imaginação do leitor, refinar seu senso estético e trazer acréscimos à sua experiência de vida e leitura” (FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p. 196).

Livros com ilustrações coloridas e contendo outros recursos visuais possibilitam o imediatismo da atratividade pelo objeto material, favorecendo entusiasmo no sujeito leitor e, provavelmente, interatividades lúdicas que culminam na leitura. Também, vale destacar que a ilustração aflora o imaginário e os sentidos cognitivos da criatividade humana tão propícia no desenvolvimento da criança. Nesse sentido, entende-se que a importância da ilustração é um fator determinante

para despertar o interesse no leitor a fim de apreciar o seu conteúdo literário, ainda que este não seja alfabetizado. Logo, a ilustração é um recurso fundamentalmente didático para ampliar as condições de fascínio da criança no contexto literário pela aparência visual e formar o gosto pela leitura. Assim, oportunamente Fleck, Cunha e Caldin (2016) reconhecem que o livro ilustrado é um material indispensável e propício para ser usado no processo de construção do pequeno leitor. Pois “[...] Os livros ilustrados cruzam o limite entre os mundos verbal e pré-verbal e, portanto, podem ser aliados da criança leitora” (FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p. 196).

Nesse aspecto, vale ressaltar a importância do bibliotecário e do professor em conhecer a amplitude dinâmica e referencial da literatura infantil, condições que transcendem as limitações do acervo disponibilizado institucionalmente. Afinal, a seleção de um livro infantil para uso pedagógico com as crianças em idade escolar deve essencialmente “[...] oferecer múltiplas possibilidades de interpretação e interação, sem trazer conteúdos moralistas ou didáticos, estimulando e desenvolvendo a imaginação” (FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p. 198).

E, a presença de um bibliotecário e/ou professor pode fazer toda a diferença nessa mediação leitor x livros.

Silva, Alencar e Bernardino (2017, p. 40) destaca a hora do conto como uma proposta que leva a criança a interação com o meio através da história “A contação de história estimula a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, trabalha a concentração, contribui na formação crítica do leitor, ajuda na personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo. Contar histórias vai além da leitura de um texto, é propiciar um momento de encantamento, surpresa e emoção. Deve sensibilizar e despertar nos ouvintes o interesse para novas leituras e descobertas”.

Dessa forma, a hora do conto incentiva a criança a imaginar e inserir-se no momento, por isso a mediação de um bibliotecário e/ou professor é importante, pois: “A contação de história é uma metodologia essencial no trabalho do bibliotecário, enquanto mediador da leitura, como objetivo principal, fazer as crianças mergulharem no mundo da imaginação, no mundo da leitura contada, de forma lúdica. É um recurso utilizado para o incentivo à leitura, para despertar na criança o interesse por essa atividade desde cedo. Visto que a leitura é um exercício constante no dia-a-dia.” (SILVA; ALENCAR; BERNARDINO, 2017, p. 39).

A prática de contar histórias favorece ao imaginário do pequeno leitor/ouvinte e deve ser sempre utilizada de forma espontânea ou orientada pedagogicamente, porque, como afirma Silva (2015, p. 501): “A história de um livro, lida para a criança, deve soar em sua mente e em seu coração de modo que estimule sua imaginação e, portanto, contribua para sua compreensão de si própria e do mundo que a rodeia, enfim para o seu amadurecimento psicológico. Portanto, a história condensa força em si mesma, o que ela estimula ou provoca na criança nem sempre é visível de imediato, pois a contribuição vem num processo longo, contínuo, em cada período da vida”.

#### 4 - Aliar a leitura a outros atrativos:

A mediação da leitura literária é segundo Bortolin (2010, p. 115) “[...] a interferência casual ou planejada visando a levar o leitor a ler literatura em diferentes suportes e linguagens”.

A nova dinâmica pela qual passa a informação, advinda da tecnologia acaba modificando a forma de relacionamento das pessoas com os diversos meios de informação. O avanço tecnológico facilitou acesso a variados conteúdos, modificando a relação da criança e adolescente com livro e as mídias impressas.

Com isso, a biblioteca deve adaptar-se à nova era da comunicação e informação, aliando a leitura a outros atrativos. Por isso, a biblioteca não pode ser apenas um local com livros e periódicos, mas um ambiente adaptado ao cenário tecnológico no qual a sociedade atual está inserida.

O novo perfil de biblioteca deve utilizar novos atrativos através da mediação da literatura, assim, Bortolin e Burghi (2014, p. 221) salientam que o bibliotecário ou professor “[...] deve se preocupar com a escolha do texto, com a faixa etária, a ocasião, além de atividades recreativas e interativas adicionando outros elementos tais como: onomatopeias, músicas e também recreação; atividades que contribuem para a formação da criança em idade escolar”.

Assim, podem-se aliar atrativos diversos como: a utilização de livros ilustrados, bastante coloridos; realizar seleções de obras de um mesmo autor e fazer contações de algumas delas, apresentando as outras obras, despertando a curiosidade na criança; fazer contações de histórias usando algum adereço ou figurino de um ou mais personagens da história, ou mesmo utilizar fantoches, dedoches, etc. com personagens do livro.

Outros atrativos também podem ser utilizados como: apresentar livros de materiais diversos tipo: livro de tecido (sensorial), de emborrachado, de madeira, de plástico, adaptando para as diversas faixas etárias, para que as crianças e jovens conheçam e façam uso de vários recursos na descoberta de diferentes mundos que existem nos livros.

#### 5 - Ampliar experiências de leituras ocasionais:

Assim como a leitura pode ser usada como instrumento pedagógico, auxiliando no desenvolvimento de atividades que, além de despertar a imaginação, levem ao indivíduo ao conhecimento, Silva (2015, p. 499) ressalta que: “[...] além do uso orientado da biblioteca durante as aulas, faz-se necessário que os alunos possam buscá-la espontaneamente e, assim, selecionar obras que lhes apeteçam”.

Por isso é necessário que a leitura possa ser algo buscado pelo aluno, de uma forma ocasional, sem uma cobrança de conteúdos pedagógicos. Para tanto, Salcedo e Stanford (2016, p.31) enfatizam que: “[...] é essencial que o exercício da leitura seja estimulado desde a infância para efetivar a leitura, porque essa é uma etapa de formação cognitiva em que a criança poderá concretizar o hábito de ler, fazendo-se presente no cotidiano de todos os leitores.” (SALCEDO; STANFORD, 2016, p. 31).

Corroborando com Salcedo e Stanford, Silva (2015, p. 496) destaca que: “[...] oportunizar encontros de pura gratuidade com leitura, sem a preocupação com a cobrança pedagógica de se fazer alguma atividade, além da própria leitura” (SILVA, 2015, p. 496) seja essencial para a criança formar-se leitor.

Um ambiente que facilita esse encontro, essa aproximação do leitor com o texto é a biblioteca escolar, que auxilia no processo de formação individual e de aprendizagem. Portanto: “[...] cabe à biblioteca apresentar-se como espaço organizado, que convide o aluno a ficar, a estar ali, a “perder” tempo lá dentro, a usar, manusear seus recursos”. (SILVA, 2015, p. 495).

Cabe, ainda, à escola incentivar a criança a essa procura ocasional de leitura, acrescentando ao planejamento momentos de leitura espontânea, pois Salcedo e Stanford (2016, p. 40) em seu estudo salientam que: “As atividades de incentivo à leitura apresentam aos estudantes momentos agradáveis, apontando para a procura de novas leituras, além de oferecer uma ocupação saudável nas horas vagas,

melhora o vocabulário, facilita na comunicação e aprimoramento da língua, adquirindo assim, novos conhecimentos e orientação do pensamento, auxiliando na inserção do universo da literatura”.

Uma forma de incentivar essa leitura ocasional é a hora do conto, momento esse que Silva (2015, p. 500) afirma ser o: “[...] momento de o aluno fruir o texto ouvido, saborear as palavras. É o espaço de promoção do encontro do leitor com palavras conhecidas, desconhecidas, intrigantes, assustadoras, alegres e, principalmente, sonoras”.

Outra estratégia apresentada por Silva (2015, p. 499) é o empréstimo de livros da biblioteca escolar, o que possibilita ao aluno procurar obras nas quais prefira, o que torna o contato leitor x texto mais natural.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente trabalho buscou-se promover um estudo de como a literatura científica no domínio de Biblioteconomia e Ciência da Informação apresenta propostas para se desenvolver atividades didáticas visando à promoção do gosto pela leitura infantil.

O embasamento teórico se deu a partir de pesquisa bibliográfica e seleção de artigos científicos publicados em periódicos da área. Além disso, foram elencadas algumas temáticas utilizadas para refletir sobre as propostas de atividades de leitura para crianças entre zero a cinco anos de idade. Desse modo, os assuntos predominantes foram reunidos em duas categorias e análise, e estas subdivididas de forma a contemplar o **fazer o pensar** direcionando ações de mediação da leitura pelo bibliotecário com crianças de zero a cinco anos de idade.

Nessa perspectiva contextualizou-se acerca da concepção de criança e realizou-se uma análise histórica sobre a origem da literatura infantil. Destacando que as origens da contação de histórias para crianças podem ser associadas ao limite da comunicação oral, visto que, segundo Dohme (2011) a arte de contar histórias existe desde que o homem começou a falar de forma articulada.

Dessa maneira, observou-se que antes mesmo de existir uma linguagem escrita, como a que se conhece hoje, o ser humano já contava histórias às crianças e adultos. Os povos antigos utilizavam a arte de contar história como uma forma para passar para novas gerações seus aprendizados acumulados, além de ser uma forma de manter vivas suas histórias. Com o transcorrer dos tempos, outras formas de registros mais concretas do que a oral foram incorporadas à vida desses povos, surgindo à linguagem escrita e implementando figuras e ilustrações, além de outras formas de se representar a realidade.

A literatura infantil, segundo historiadores como Cambi (1999), surgiu no século XVII com Fenélon (1661-1715) com o objetivo de moralizar as crianças através de fábulas, as quais traziam-trazem lições de moral. No Brasil, a literatura infantil especificamente brasileira teve início com as obras de Monteiro Lobato.

Atualmente, a leitura na educação infantil é reconhecida como uma das etapas da educação básica pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/1996). E a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) publicada em 2017

serve como orientação obrigatória para elaboração dos currículos das redes de ensino em todo o país.

Após essa contextualização seguimos a discussão sobre a relação entre o livro, a leitura e a ludicidade. Destacando que no processo de desenvolvimento infantil, a literatura é um dos componentes fundamentais, pois contribui para que o lúdico esteja presente no dia a dia das crianças, além de proporcionar a resolução de seus conflitos internos, desenvolvendo sua imaginação, sentimentos e emoções de forma prazerosa e significativa.

Fundamental na formação do indivíduo, o hábito da leitura logo no começo da vida, auxilia não só no aprendizado da criança, mas no despertar do indivíduo ao senso crítico. Todavia, para que a leitura torne-se um costume e uma prática prazerosa, deve começar a ser sugerida ao indivíduo desde muito cedo, por isso a família é a primeira incentivadora das crianças.

A escola também tem papel fundamental no desenvolvimento e gosto pela leitura, buscando estratégias pedagógicas para introduzir a leitura no aprendizado das crianças, oferecendo espaços com ambientes favoráveis, dinâmicos e com vasto acervo atualizado. Além disso, destacou-se a importância de os educadores atuarem como mediadores entre criança/texto, proporcionando momentos empolgantes de leitura e instigando o novo leitor a uma leitura crítica.

Para se compreender a relação entre o bibliotecário e o estímulo à leitura na infância, definimos educação e abordamos que a sala de aula não é o único espaço de aprendizagem. Segundo Dalbosco (2006) e Freire (1997), a educação é um processo dialógico-interativo amplo que ocorre, por exemplo, entre pais e filhos, entre grupos de convivência e de trabalho, além, é claro, das instituições formais. A educação consiste em um fenômeno cultural amplo, porém, como processo de formação não é sinônimo de escolarização. Pois, a ideia de escolarização se atém à formalização do ensino instituído de ambientes voltados ao interesse educativo.

No decorrer desse estudo, destacaram-se reflexões protagonizando a figura essencial do bibliotecário na mediação da leitura. Assim, este profissional assume a condição de disseminador de informações capaz de aproximar o leitor do texto literário e sendo um apoio essencial para as necessidades de escolha do público, componente da sua comunidade usuária. Desse modo, se reconhece no bibliotecário a competência estratégica para colaborar com a escola na formação de novos leitores e na manutenção constante dos já formados. Quando esse público-alvo é

constituído por criança, é importante que o bibliotecário tenha noção da riqueza da literatura infantil, da sua importância na vida dessa criança, em seu processo cognitivo, uma vez que o texto literário infantil estimula a fantasia, contribui na assimilação de problemas e de conceitos sobre realidade.

Portanto, o bibliotecário, além de possuir a tarefa de promover a leitura, também tem um papel importante na formação de leitores e ainda na mediação da leitura destes. Com isso, vemos a importância educativa do bibliotecário, haja vista seu trabalho e práticas que levam a aproximação do público com a leitura. Com as crianças, principalmente, o profissional bibliotecário deve ser uma pessoa dinâmica e oferecer um ambiente agradável e convidativo para a leitura.

Após a contextualização teórica acerca dos temas citados acima, esse estudo se dedicou a elencar o agrupamento de dez propostas sistematizadas em duas categorias de análise para compor uma apreciação em formato de revisão de literatura. Tal recurso metodológico se refere a um procedimento analítico elaborado a partir dos artigos identificados no levantamento bibliográfico na base BRAPCI. Deste modo, as categorias foram agrupadas em dois conjuntos básicos: o **pensar** (idealizar) e o **fazer** (desenvolver).

Nessa perspectiva, o conjunto de propostas elencados enfatiza o papel educador do bibliotecário com leitura voltada às crianças. Assim, tais atividades representam intervenções pedagógicas compatíveis à aplicação em bibliotecas ou ambientes escolares.

Em suma, esse trabalho pretende contribuir como reflexão da atuação por parte dos profissionais bibliotecários em interagir, mediar e estimular a criança por meio da leitura de literaturas infantil, desenvolvendo sua criatividade e imaginação.

Para concluir, destaca-se que as propostas elencadas representam um rol exemplificativo e não esgotam a possibilidade de outras propostas serem estudadas e exploradas com o intuito de desenvolver a interação do profissional bibliotecário com leitura voltada ao público infantil. Dito isto, seria importante e recomendável à realização de futuros estudos, além do aprofundamento dessa pesquisa através de metodologias quantitativas.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: Gostosuras e bobices. São Paulo, 1993.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Bibliotecário: um essencial mediador da leitura. *In*: SILVA, Terezinha Elisabeth da (Org.). **Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade em Ciência da Informação**. Recife: NECTAR, 2008. p. 67-86.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Bibliotecário: um essencial mediador da leitura. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. Cap. 9, p. 205-218.
- AMARO, Bianca. O bibliotecário e o seu relacionamento com a tecnologia. *In*: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Org.). **Bibliotecário do século XXI**: pensando o seu papel na contemporaneidade. Brasília: IPEA, 2018. Cap. 2, p. 33-46. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180406\\_bibliotecario\\_do\\_sec\\_XXI.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180406_bibliotecario_do_sec_XXI.pdf). Acesso em: 10 de dez. 2019.
- BARROS, Maria Helena T. C. de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Ed. FA, 2006.
- BORTOLIN, Sueli; BURGHI, Vera Jussara. A interação entre o bibliotecário e o leitor-ouvinte na contação de histórias. **Informação@Profissões**, Londrina, n. 1-2, v. 3, p. 213-226, 2014.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: 568 [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: 13 jun. 2019.
- BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996, Seção I, p. 27.834-27.841.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 47-58, jan./jun. 2003.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010, p. 65.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo. Ed. UNESP, 1999

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014. 189p.

CASTELLO BRANCO, Thatty de Aguiar. **O maravilhoso e o fantástico na literatura infantil de Monteiro Lobato**. 2007. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Cap. 8, p. 104-108.

CRUZ, Andréia Cristina; SILVA, Rosa Maria Graciotto. Caminhos para o encontro com a literatura: o espaço biblioteca e a formação do leitor em uma instituição não governamental do noroeste do Paraná. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE LEITURA, 16., 2007. Campinas. **Anais** [...]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/73460051-Caminhos-para-o-encontro-com-a-literatura.html>. Acesso em: 17 jun. 2019.

CUNHA, Miriam Vieira. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli**: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 15, p. 41-46, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/99/5234>. Acesso em: 21 jul. 2019.

DALBOSCO, C. A. **Pedagogia filosófica**: cercanias de um diálogo. São Paulo: Paulinas, 2007.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

DUARTE, Yaciara Mendes. A sociedade da desinformação e os desafios do bibliotecário em busca da biblioteconomia social. *In*: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Org.). **Bibliotecário do século XXI**: pensando o seu papel na contemporaneidade. Brasília: IPEA, 2018. Cap. 4, p. 67-83. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180406\\_bibliotecario\\_do\\_sec\\_XXI.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180406_bibliotecario_do_sec_XXI.pdf). Acesso em: 10 de dez. 2019.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: [http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016\\_LIVRO\\_EM\\_PDF\\_FINAL\\_COM\\_CAPA.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf). Acesso em: 10 ago. 2019.

FEBA, B. L. T. (Org.); SOUZA, R. J. (Org.). **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecário mediador de leitura e de práticas culturais em comunidades vulneráveis. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 130-145, maio/set. 2014.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade:** e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da; CALDIN, Clarice Fortkamp. Livro ilustrado: texto, imagem e mediação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 194-206, jan./mar. 2016.

GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão. Literatura infantil e escola: algumas considerações. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE LEITURA, 16., 2007. Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02\\_06.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02_06.pdf). Acesso em: 18 set. 2019.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência.** Brasília: Briquet de Lemos, 2001. 196 p.

GURGEL, Fátima Maria Rocha; AGUIAR, Gláucia Calmon de; LIMA, Ilane Coutinho Duarte Lima. AZEREDO, Rosany. Desenvolvendo projeto em biblioteca escolar: leitura e escrita. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE LEITURA, 16., 2007. Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss02\\_09.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss02_09.pdf). Acesso em: 22 set. 2019.

GUSMÃO-GARCIA, Sílvia Craveiro; SILVA, Antonio Manoel dos Santos. A criança, o livro e o gosto pela leitura. **Olho d'Água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 1, p. 9-16, jan./dez. 2009.

IVO, Lêdo. **Poesia completa:** (1940-2004). Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

JOUBE, Vincent. **A leitura.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** história & histórias. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

OLIVEIRA, Rui de. A ilustração como arte narrativa. **Salto para o Futuro**, [Brasília], v. 19, n. 7, p. 5-11, jun. 2019.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário.** Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PEREIRA, Ana Paula; BORTOLIN, Sueli. O mediador e a mediação de literatura para crianças surdas. **Biblioteca Escolar em Revista**, v. 5, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2016.

PERROTTI, Edmir. **Proposta pedagógica**: espaços de leitura. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2004/el/meio.htm>. Acesso em: 14 out. 2011.

PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. Classificação em cores: uma metodologia inovadora na organização das bibliotecas escolares do município de Rondonópolis-MT. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 163-179, jul./dez. 2009.

REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura infantil**: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola. 2. ed. São Paulo: FTD, 1995.

RICHE, Rosa Maria Cuba. Texto e ilustrações: a produção de sentidos da leitura. *In*: SIMPÓSIO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 9., 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos\\_espacos\\_de\\_dialogos/34-Riche.pdf](http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos_espacos_de_dialogos/34-Riche.pdf). Acesso em: 18 de nov. 2019.

SALCEDO, Diego; STANFORD, Jailiny. O incentivo da leitura na biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 27-44, jan./jun. 2016.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1998.

SANTOS, Pedro Souza. Biblioteca escolar e sala de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, n. 2, v. 6 n. 2, p. 28-47, 2018. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/108230>. Acesso em: 05-mar.-2019.

SILVA, Antônia Janiele Moreira da; ALENCAR, Aline Quesado; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Biblioteca escolar e mediação da leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 3, n. esp., p. 36-44, 2017.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, Lílian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SCORSI, Rosalia de Ângelo. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar *In*: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. Cap. 2, p. 49-67.

SILVA, Rovilson José. Formar leitores na escola: o projeto pedagógico, a biblioteca escolar e a mediação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2015.

SILVA, Rovilson da; BORTOLIN, Sueli. Introdução. *In*: SILVA, Rovilson da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: ABECIN, 2018a. p. 9-10. Disponível em: [http://abecin.org.br/e-books/fazeres\\_cotidianos/E-Book\\_Silva\\_Bortolin.pdf](http://abecin.org.br/e-books/fazeres_cotidianos/E-Book_Silva_Bortolin.pdf). Acesso em: 14 de jun. 2019.

SILVA, Rovilson da; BORTOLIN, Sueli. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. *In*: SILVA, Rovilson da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: ABECIN, 2018b. Cap. 1, p. 11-34. Disponível em: [http://abecin.org.br/e-books/fazeres\\_cotidianos/E-Book\\_Silva\\_Bortolin.pdf](http://abecin.org.br/e-books/fazeres_cotidianos/E-Book_Silva_Bortolin.pdf). Acesso em: 14 de jun. 2019.

SOUSA, Viviane. A importância da prática da leitura desde os anos iniciais do ensino fundamental tendo como estratégia pedagógica o gênero literário. **Cadernos da FUCAMP**, Campinas, v. 15, n. 22, p. 35-52, jan./abr., 2016.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

VERDINI, Antonia de Souza. Mediação de leitura na biblioteca: saraus poéticos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE LEITURA, 16., 2007. Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: [http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_antteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss02\\_07.pdf](http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss02_07.pdf). Acesso em: 06 set. 2019.

VIEIRA, Anna da Soledade. Repensando a Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 81-85, jul./dez. 1983.

XAVIER, Jéssica Andressa de Souza. **A criança e a literatura no âmbito da educação infantil**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000922420&opt=3>. Acesso em: 18 de ago., 2019.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1989. (Por onde começar?).